

CLIPPING
11º VIDEOBRASIL, 1996
[principais reportagens]

Festival consagra videoarte e traz obra de Nam June Paik



Parte de "TV Buddha", instalação que compõe obras de Nam June Paik

Artista coreano é principal nome do Videobrasil, que acontece em novembro em SP e terá videoinstalações do mundo todo

FERNANDO OLIVA
de Redação

O Videobrasil deste ano quer colocar definitivamente a videoarte no agenda da produção artística nacional.

Três anos atrás o festival agitou suas fileiras na produção experimental em vídeo e, nesta sua 11ª edição, conseguiu trazer ao Brasil os principais trabalhos da pais de videoarte: Nam June Paik.

A mais representativa obra do multimedial coreano chega a São Paulo em novembro para ocupar 100 metros quadrados em dois andares do Espaço Cultural da Fundação de Arte de São Paulo (FAPESP).

As famosas videoinstalações "TV Buddha", "TV Moon", "TV Garden" e "TV Fish" mostram as limitações técnicas de Paik para o uso da televisão e do vídeo.

Outros entusiastas de peso que participaram no Videobrasil deste ano são o japonês Keiichi Tazuka,

o francês Michel Siffers e o canadense Isabelle Chabrier. Do Brasil, Coi Hironobu, Itoh Gensho e Hiroconita Doreado também participam com grandes videoinstalações.

Quem está por trás da iniciativa Paik no Brasil é a curadora Lori Zippay, diretora do Electronic Art Institute (EAI), centro de produção artística em meios eletrônicos em Ithaca, Nova York.

Em entrevista à Folha, Lori falou sobre videoarte, sua participação como curadora fora do SP Videobrasil e, claro, Nam June Paik, com quem trabalhou há 15 anos.

Folha - Nam June Paik ainda é uma referência para a videoarte contemporânea?

Lori Zippay - Ele continua sendo um figura chave na transformação do vídeo em arte. O nome de Paik como figura internacional que trabalha com instalações e perfor-

mações em vídeo pertencem o câmbio para outros videoartistas e marca esta produção no circuito mundial de arte.

Folha - A carreira de Paik foi consolidada nos Estados Unidos. Quais os trabalhos que a videoarte trouxe 30 anos depois das experiências pioneiras de Paik?

Zippay - Atualmente, muitos artistas estão usando o vídeo em instalações e esculturas. Outros continuam a trabalhar com as novas tecnologias interativas. Há ainda aqueles que têm como base a junção entre cinema e vídeo. O mais importante é que o vídeo já não é um meio de comunicação e sim um meio de expressão artística. O vídeo está sendo usado em instalações e esculturas.

Folha - Como foi a escolha das obras que vêm ao Brasil?

Zippay - Foram indicações pessoais de Paik. As instalações que participam do Videobrasil estão entre suas obras mais importantes.

"TV Buddha", "TV Moon", "TV Fish" e "TV Garden" são trabalhos históricos, que refletem a forma como o vídeo pode ser usado para criar escultura.

Folha - Por que sua curadoria no Videobrasil chama-se "De Ithaca, McLean e TV-Cello"?

Zippay - Ithaca é o conjunto britânico, as idéias do vídeo da comunicação canadense e performances em vídeo são recorrentes nos primeiros trabalhos de Paik. Os vídeos desta época, final dos anos 60 e começo dos 70, feitos com equipamentos experimentais, são realizados no formato conteúdo.

Folha - Você conhece o videoarte brasileiro que participou deste festival?

Zippay - Entro pouco finalmente como a produção brasileira em videoarte. Quero apresentar esta vídeo para conhecer o trabalho dos brasileiros e trazer a eles para apresentações nos EUA.



Nam June Paik, cuja obra estará no 11º Videobrasil, em foto de 1990

Lori Zippay comanda retrospectiva do videoartista

de Redação

Além das principais videoinstalações, as criações do videoartista Nam June Paik presentes no 11º Videobrasil serão parte de uma retrospectiva de vídeos sob curadoria de Lori Zippay, diretora executiva do Electronic Arts Institute,

em Nova York.

A mostra "Nam June Paik: Waiting for the 21st Century" está dividida em três partes: "Collages", "Videoagras" e "Documentaries". "Collages" inclui os clássicos de Paik para vídeo. Segundo Zippay, nesta fase, Paik misturava imagens, fotografias televisivas aéreas, estru-

ca e vídeos especiais.

Em "Videoagras", são apresentados os vídeos feitos para ordenar algumas figuras importantes do mundo artístico com as quais Paik manteve contato. Entre eles: Joseph Beuys, John Cage e Charles Olson.

Grupos de performance e co-

lunistas raras com Nam June Paik estão em "Documentaries".

Durante o festival será realizada também uma "performance para piano e vídeo" — música criada por Paik, com presença de Paulo Santos do grupo artístico Ekki e projeção de vídeos do artista.

Mostra tem premiação

de Redação

A Mostra Competitiva de Ilustração Sul do 11º Videobrasil irá oferecer prêmios de US\$ 2.000 a US\$ 6.000 aos melhores vídeos em vídeo até 12 de setembro.

As criações não são agrupadas nas categorias ilustração, CD-ROM, clipe, computação gráfica, documentação, facção e vídeoarte.

Poderão competir trabalhos realizados a partir de julho de 1994, vindos de América Latina, África, Oceania e sul do Ásia. O foco será a criação de imagens em vídeo em qualquer mídia e não apenas em vídeo.

Mais informações podem ser obtidas no tel. (11) 505-0635.

Saiba o espaço de cada artista no 11º Videobrasil



DELIVERY AMERICA
0800-114334

FOGO DE CHÃO
Av. Santos Dumont, 3.814
Bairro Anacleto
(11) 247-6796
Av. Marechal Deodoro, 1017
Bairro República
(11) 334-2790

Evento elege obras de arte eletrônicas

11º VídeoBrasil está com as inscrições abertas para mostra competitiva

Billy Newman

Da Agência Estado

Se animação, CD-ROM, clips, computação gráfica, documentários, filmes e vídeos se tem parte da sua obra, prepare-se para participar do 11º Edição do Festival Internacional de Arte Eletrônica "VídeoBrasil". Este evento Brasil de vídeo, com a realização da Associação Cultural Videobrasil, este ano faz uma homenagem especial ao gênio do vídeo, o coreano Hans Paik, que participou do evento na década de 60.

"Ele está morto e por isso não vive, mas estará presente, via satélite, durante uma performance. Para homenagem, faremos uma retrospectiva não só das obras, mas também das instalações. Será a primeira vez que um trabalho dele, desde então, será exibido em terras brasileiras", explica Solange Parkes, a curadora do evento e curadora da Associação Cultural Videobrasil.

Não, o VídeoBrasil é um festival presente em todos os catálogos internacionais. Temos uma programação não só de fazer artistas de fora, mas de dentro, lançar e estimular os artistas brasileiros. O festival faz um recorte dos trabalhos do Sul do Planeta. Temos uma produção maravilhosa, que inclui muitos prêmios especiais do festival. Há, por isso, uma seleção mais flexível. Uma revista do, além dos prêmios em dinheiro, haverá uma viagem à França, com direito a um estúdio na "Ex-Machina", de Solange.

As inscrições para a Mostra Competitiva vão até 12 de setembro. Com patrocínio do Serviço Social do Comércio (Sesc), o festival acontece de 12 a 17 de novembro no Sesc Fábria da Fampônia, em São Paulo, e de 19 a 25 de novembro, no Centro Cultural Boreca de Brasília, na capital brasileira. "Como o festival acontece em dois locais, o prazo de inscrição é maior. É muito importante que em qualquer lugar do mundo cubra os prêmios", ressalta a curadora.

Podem participar do Mostro Competitivo, obras realizadas a partir de julho de 94 por artistas da América Latina, África, Oceania e Índia. Mas o festival não é apenas a competição. O VídeoBrasil é 40% de competição e 60% de outros programas, explica. A ideia é mostrar um pouco, independentemente do Sul ou do Norte, dos trabalhos novos fora dos padrões internacionais de imagem, como obras em CD-ROM e animações. "Trabalhos ligados ao futuro - do nome do festival porque não são mais do futuro, são do presente", lembra Solange.



Exibido de computação gráfica

As videoinstalações

As videoinstalações apresentam-se em obras mais próximas. No todo são oito, quatro de Paik. O trabalho mais recente de Paik, o vídeo "Cidade", sua instalação mais recente, foi exibido no Festival de Vídeo de São Paulo em 1995. O vídeo "Cidade" foi exibido no Festival de Vídeo de São Paulo em 1995. O vídeo "Cidade" foi exibido no Festival de Vídeo de São Paulo em 1995.

As obras mais próximas de Paik, o vídeo "Cidade", sua instalação mais recente, foi exibido no Festival de Vídeo de São Paulo em 1995. O vídeo "Cidade" foi exibido no Festival de Vídeo de São Paulo em 1995. O vídeo "Cidade" foi exibido no Festival de Vídeo de São Paulo em 1995.

com Show BBC, Bonito Social, NAMA: e Kava Concert Mag net TV Sides of Robots. "A performance foi criada por Paik e será realizada para homenageá-lo. É quem que criou. Paik tem a própria Paik, um satélite e ao vivo, seus músicos. São eles: Vito, Steve Vasquez e o músico brasileiro Amado Antonio, entre outros", afirma Solange.

Como não poderá chegar de ser, o VídeoBrasil terá um site no Internet, com mais de 100 páginas e vídeos locais. "Será na web, com todas as informações sobre o evento. Devem ficar prontos em meados de agosto. Está sendo feito por Mauro Cavallotti e tem muitas animações de Paik. Para isso, estamos produzindo um CD-ROM que está sendo feito pelo Festival de Filme e será lançado no primeiro dia do mês", afirma Solange.

Visando uma futura divulgação do vídeo em terras brasileiras, a parceria vídeo e televisão será abordada no Fórum de Debates. "No Fórum abordaremos que havia uma recepção das TV pagas em subir a velocidade. O vídeo é o vídeo e a televisão é vídeo", afirma Solange. "Cidades e Mecanismos de Ação" participando representantes das TVs públicas, TV's pagas e o canal de fibra, França e Inglaterra, e no "Televisão e Ação" será exibida uma seleção de programas especiais produzidos por televisões europeias (Canal Plus e Arte/Le Sept-Franc e Canal Plus, do Inglaterra).

Para receber todos estes vídeos de arte do vídeo, o Sesc Fábria Fábria terá de atender vários exigências, entre elas um projeto arquitetônico a altura. "Então, foi realizado com Mauro Gallo, uma videoinstalação terá um local apropriado e diferenciado. Haverá um Café Eletrônico, todo em um espaço e um pouco acima do nível do chão, em cada uma de suas instalações terá um mini-computador com multimídia, para as pessoas apreciarem os trabalhos em CD-ROM, e finalmente, o festival terá uma videoteca de primeiro mundo, com subsistema de áudio e vídeo com monitor e controle", afirma Solange.

Começar a participar
As inscrições estão abertas até 12 de setembro. Serão que as obras para serem, somente serão abertas as postais no dia 12 de setembro. As obras de inscrição podem ser retiradas em São Paulo na Galeria Fábria - Rua Cônego Eugênio Linhares, 900 - de segunda a sexta, das 9 às 18 horas, ou no Sesc Fábria - Rua Cônego Eugênio Linhares, 900 - de segunda a sexta, das 9 às 18 horas. Mais informações em



Gênio coreano

Há 30 anos, o coreano Hans Paik mudou fronteiras tradicionais entre as mídias de vídeo e televisão por meio de suas obras de arte. Paik foi o primeiro a usar o vídeo em suas obras de arte. Ele foi o primeiro a usar o vídeo em suas obras de arte. Ele foi o primeiro a usar o vídeo em suas obras de arte.

Paik nasceu na Coreia em 1932. Foi para o Japão estudar filosofia, música, teatro e dança. Após dois anos no Japão, em 1955, emigrando para os Estados Unidos. Paik mudou-se para Nova York, onde viveu até 1964.

Seus trabalhos são disputados pelas melhores museus e coleções do mundo. Paik é considerado um dos pioneiros da arte de vídeo. Ele foi o primeiro a usar o vídeo em suas obras de arte. Ele foi o primeiro a usar o vídeo em suas obras de arte.

Paik nasceu na Coreia em 1932. Foi para o Japão estudar filosofia, música, teatro e dança. Após dois anos no Japão, emigrando para os Estados Unidos. Paik mudou-se para Nova York, onde viveu até 1964.

Paik nasceu na Coreia em 1932. Foi para o Japão estudar filosofia, música, teatro e dança. Após dois anos no Japão, emigrando para os Estados Unidos. Paik mudou-se para Nova York, onde viveu até 1964.

Paik nasceu na Coreia em 1932. Foi para o Japão estudar filosofia, música, teatro e dança. Após dois anos no Japão, emigrando para os Estados Unidos. Paik mudou-se para Nova York, onde viveu até 1964.



Exibido de computação gráfica



CARTELETRÔNICO: durante evento, e foi lançado para as pessoas apreciarem instalações em CD-ROM

Estão abertas as inscrições para o 11º Videobrasil

Silvia Herrera, da Agência Estado

Se animação, CD ROM, clips, computação gráfica, documentário, ficção e videoarte fazem parte do seu dia-a-dia, prepare-se para participar da 11ª edição do Festival Internacional de Arte Eletrônica Videobrasil. Este evento bienal de videoarte, além da tradicional Mostra Competitiva, este ano faz uma homenagem especial ao papa do gênero, o coreano Nam June Paik, que participará via satélite.

"Ele está doente e por isso não virá, mas estará presente, via satélite, durante uma performance. Para homenageá-lo faremos uma retrospectiva não só dos vídeos, como também das instalações. Será a primeira vez que um trabalho dele, deste porte, será exibido no Brasil", explica Solange Farkas criadora do evento e curadora da Associação Cultural Videobrasil.

"Hoje, o Videobrasil é um festival presente em todos os catálogos internacionais. Temos uma preocupação não só de trazer artistas de fora, mas de descobrir pessoas aqui, lançar e estimular os artistas brasileiros. O festival faz um recorte dos trabalhos do sul do Planeta. Temos uma produção maravilhosa, que circula menos pelos museus do hemisfério norte, por isso é uma produção mais fresca. Uma novidade, além dos prêmios em dinheiro, haverá uma viagem à França, com direito a uma estadia na Ex-Machina", diz Solange. As inscrições para a Mostra Competitiva vão até 12 de setembro.

As vídeos instalações

As vídeos instalações prometem ser as obras mais procuradas. Ao todo são oito, quatro de Paik: TV Budha (uma escultura de Buda contempla sua imagem numa tela de TV), TV Moon (fases da lua em doze monitores de TV), TV Fish (dez aquários frente a dez monitores) e TV Garden (apa-

relhos de TV espalhados pelo chão em meio a plantas). Já o francês Michel Jaffrenou participa com "Plein de Plumes"; o japonês Keiichi Tanaka, com "Luminous"; e os brasileiros, Caó Hamburger com três trabalhos dirigidos ao público infantil: Safari, Oca e A casa dos três porquinhos, e Inês Cardoso, com Daragóy.

Para completar a homenagem a Paik serão realizadas uma conferência e uma performance. A diretora do Electronic Arts Intermix de New York - Lory Zippay, especializada na obra de Paik, faz a conferência, na qual exibirá algumas raridades. Participam o próprio Paik, via satélite e ao vivo, seus músicos Stephen Vitiello, Steina Vasulka e o músico brasileiro Arnaldo Antunes, entre outros", adianta Solange.

Para receber todas estas obras da arte do vídeo, o Sesc Fábrica Pompéia terá de atender várias exigências, entre elas um projeto arquitetônico a altura. "Estamos trabalhando com Mario Gallo, cada vídeo instalação terá um local apropriado e diferenciado. Haverá um Café Eletrônico, todo em aço escovado e um pouco acima do nível do chão, em cada uma de suas mesinhas terá um microcomputador com multimídia, para as pessoas apreciarem os trabalhos em CD ROM, e finalmente, o festival terá uma videoteca de primeiro mundo, com isolamento acústico e mesas com monitor e interfone", relata Solange.

Como participar

Inscrições até 12 de setembro. Nas inscrições, feitas por correio, somente serão aceitos trabalhos postados até a data limite.

As fichas de inscrição podem ser retiradas em São Paulo na Galeria Fotóptica (Rua Cônego Eugenio Leite, 920), de segunda a sexta, das 9 às 18 horas ou no Sesc Pompéia (Rua Clélia, 93), de terça a domingo das 9 às 22 horas. Informações e solicitação de ficha pelo cor-

reio: fone (011) 280-6061 (das 14 às 18 horas) ou pelo fax (011) 883-3288.

Regulamento

As obras inscritas podem ter sido realizadas em qualquer formato e sem limite de duração. Para a inscrição, as obras devem ser entregues somente em U-Matic low band nos sistemas NTSC ou Pal. Cada pessoa poderá enviar até três trabalhos, um formulário para cada um. Na inscrição, as obras deverão ser classificadas pelo autor em uma das seguintes categorias: animação CR ROM, clip, computação gráfica, documentário, ficção ou videoarte. Cada fita deve conter unicamente o trabalho inscrito no festival e mais o material abaixo relacionado:

- quatro fotos em preto e branco ou cromo da obra
- duas fotos preto e branco ou cromo do autor
- material promocional da obra
- sinopse completa
- ficha e inscrição preenchida em letra de forma ou a máquina
- videografia do autor
- diálogos em inglês (caso o trabalho não seja falado ou legendado em inglês)

As fitas deverão ser enviadas para: 11º Videobrasil - Sesc Pompéia - Rua Clélia, 93 - São Paulo - SP - 05042-000

Prêmios

O júri internacional é composto por realizadores e profissionais da área e nomeado pela Associação Cultural Videobrasil: Alain Burosse (França), Diego Lascano (Argentina), Éder Santos (Brasil), John Gillies (Austrália), e Lori Zippay (EUA).

Primeiro prêmio - US\$ 6 mil

Segundo prêmio - US\$ 4 mil

Terceiro prêmio - US\$ 2 mil

Premio Aliança Francesa: viagem para a França com estadia na produtora de computer arts Ex Machina, oferecida pela Aliança Francesa com a colaboração do Institut National de L'Audiovisuel.

VIDEOBRASIL prepara sua 11ª edição

O Festival Internacional de Arte Eletrônica Videobrasil vai prestar uma homenagem especial a Nam June Paik



Lei do livro

Konrad Krueh
Jornalista

A CÂMARA Brasileira do Livro está lutando para implantar no Brasil uma lei para aumentar o número de Bibliotecas e Livrarias no País. Para tanto, lançará uma série de benefícios fiscais.

No dia 15 de agosto, a Câmara Brasileira do Livro estará encaminhando ao Ministério da Cultura, que repassará para a Presidência da República o anteprojeto da já chamada Lei do Livro. Esta Lei já vigora em países como Argentina, Bolívia e Chile, que têm consciência de que o livro

faz parte da reserva estratégica de um país.

Pelo levantamento da Câmara Brasileira do Livro, existem no Brasil cerca de 3 mil bibliotecas. No México, existem cerca de 15 mil. No Brasil, no geral, a tiragem de um livro varia entre mil a três mil exemplares. Na Bulgária, a tiragem mínima é de um milhão de exemplares. O que isso quer dizer na prática? Quer dizer que temos um círculo vicioso que precisa ser eliminado urgentemente. O livro, no Brasil, é caro porque vende pouco e vende pouco porque é caro.

Com a vigência da Lei do Livro, as nossas atuais bibliotecas, que são pobres em acervo defasadas, e que não passam de depósito de livros, deverão se integrar à comunidade. A proposta é transformá-las em centros culturais e artísticos. Com abertura total e totalmente à comunidade.

Atualmente, o Brasil possui cerca de 3 mil livrarias. A Câmara Brasileira do Livro quer aumentar este número incentivando, por exemplo, que as papelarias se tornem livrarias, ganhando, com isso, incentivos fiscais. E por que não também os supermercados e as farmácias? Em vários países tais estabelecimentos vendem, com sucesso, livros em seus recintos. E sem incentivo fiscal algum.

A Lei do Livro pretende beneficiar ainda os editores para que estas lancem mais títulos no mercado. A bem da verdade, o mercado editorial, no Brasil, ainda é, mesmo sem quase incentivo algum, um dos negócios mais organizados e rentáveis que temos. Com o incentivo que vem por aí, o Brasil terá tudo, quem sabe, para deixar de ser um "País Caipira" para ser, verdadeiramente, uma Nação de Homens e Livros. ■

SE ANIMAÇÃO, CD ROM, clips, computação gráfica, documentário, ficção e vídeoarte fazem parte do seu dia-a-dia, prepare-se para participar da 11ª edição do Festival Internacional de Arte Eletrônica Videobrasil. Este evento bienal de videocarte, além da tradicional Mostra Competitiva, este ano presta uma homenagem especial ao papa do gênero, o coreano Nam June Paik, que participou via satélite. "Ele está doente e por isso não virá, mas estará presente, via satélite, durante uma performance."

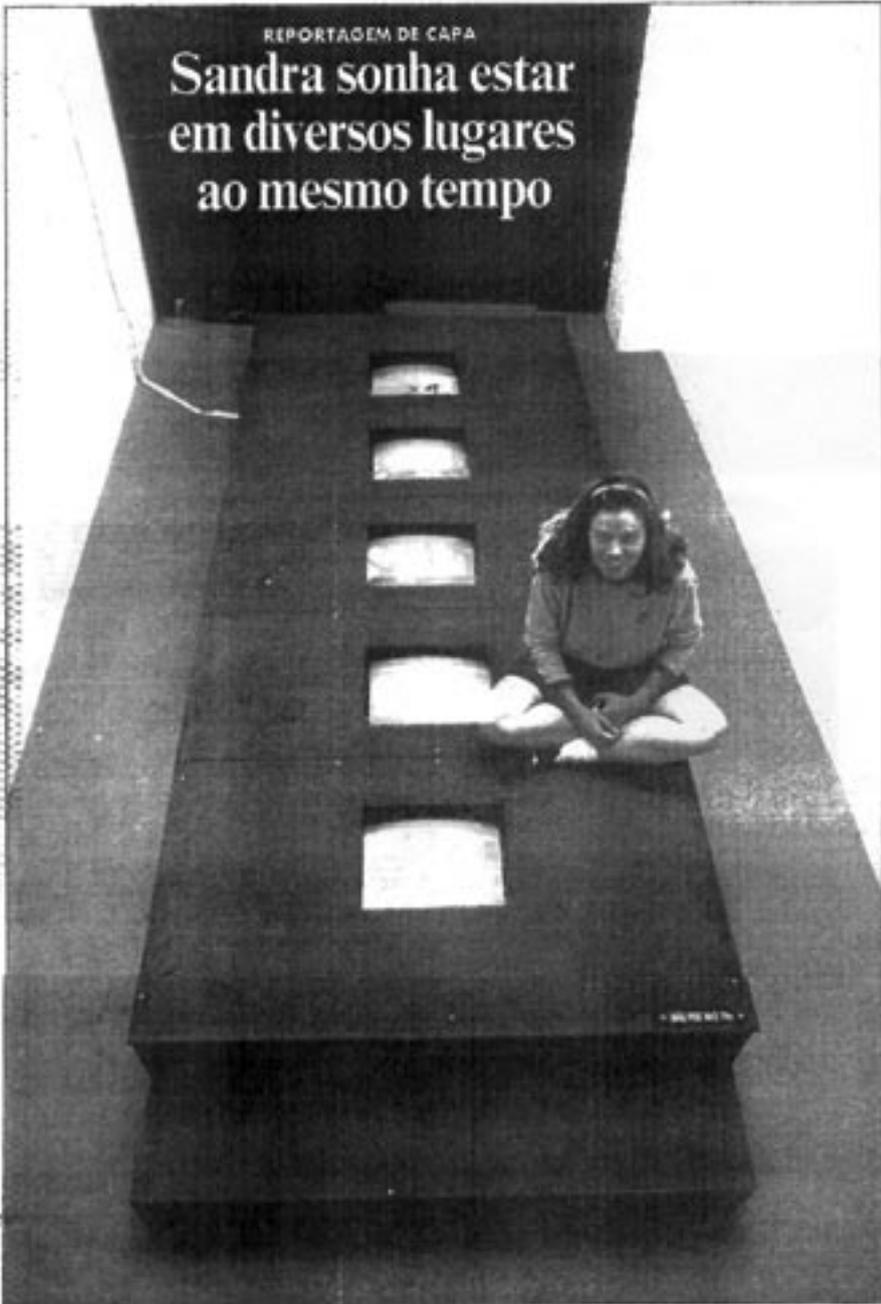
Para homenageá-lo, faremos uma retrospectiva não só dos vídeos, como também das instalações. Será a primeira vez que um trabalho dele, destaque, será exibido no Brasil", explica Solange Paikas criadora do evento e curadora da Associação Cultural Videobrasil. "Hoje, o Videobrasil é um festival presente em todos os castilhos internacionais. Temos uma preocupação não só de trazer artistas de fora, mas de descobrir pessoas daqui, lançar e estimular os artistas brasileiros."

O festival faz um recorte dos trabalhos de Sol do Planeta. Temos uma produção maravilhosa, que circula não nos pelos museus do hemisfério Norte, por isso é uma produção mais fraca. Ah! Uma novidade, além dos prêmios em dinheiro, haverá uma viagem à França, com direito a um estúdio na "Ex Machina", de Solange.

As inscrições para a Mostra Competitiva vão até 12 de setembro. Com patrocínio do Serviço Social do Comércio (Sesc), o festival acontece de 12 a 17 de novembro no Sesc Fibras da Pompéia, em São Paulo, e de 19 a 26 de novembro, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). "Como o festival cresce e fica muito caro, o Sesc faz a parceria perfeita. Ele usa, assim, o papel que em qualquer lugar é chamado de 'cabeleira do Estado'", desafia a curadora. ■

REPORTAGEM DE CAPA

Sandra sonha estar em diversos lugares ao mesmo tempo



Sandra Regal, âncora do programa 'Brasil Legal!'. 'Se eu estiver fazendo muito vídeo ou for fazer cinema, vou ter de parar com a televisão'

A videomaker brinca de tentar subverter as leis da física com uma série de trabalhos no vídeo, no cinema e na televisão que a fazem viajar pelo Brasil agora e ir a países como a França e o Canadá

GABRIEL BASTOS JUNIOR

Sandra Regal, âncora do telejornal, não só filma projetos para 'Brasil Legal!' — participação em 'Videomaker', trabalhos no 'França e o Canadá' e a nova fase do 'Brasil Legal!'. Quer de estar em mais de um lugar, de 'You're the ultimate'.

Estado — Você vai fazer a videomaker no 'Videomaker'?

Sandra Regal — Este ano o festival está comemorando os 30 anos de existência. Então a ideia era que a Regal dirigisse uma retrospectiva, mostrando o percurso, desde uma entrevista a um vídeo de 30 anos. Em geral, o jornal se divide de acordo com o conteúdo do trabalho. A ideia para esse ano é fazer algo mais, mais abrangente. Aí vai a ideia de fazer um documentário sobre esse trabalho, mas a ideia de fazer um filme sobre o trabalho e sobre a Regal, não está.

Estado — Aí porque não fazer um vídeo sobre o trabalho?

Sandra — A ideia é fazer um vídeo que seja um trabalho em si mesmo, não apenas um trabalho sobre o trabalho. Então a ideia é fazer um trabalho que seja um trabalho em si mesmo, não apenas um trabalho sobre o trabalho.

Estado — A ideia é fazer um trabalho que seja um trabalho em si mesmo, não apenas um trabalho sobre o trabalho.

Estado — A ideia é fazer um trabalho que seja um trabalho em si mesmo, não apenas um trabalho sobre o trabalho.

Estado — A ideia é fazer um trabalho que seja um trabalho em si mesmo, não apenas um trabalho sobre o trabalho.

Estado — A ideia é fazer um trabalho que seja um trabalho em si mesmo, não apenas um trabalho sobre o trabalho.

Estado — A ideia é fazer um trabalho que seja um trabalho em si mesmo, não apenas um trabalho sobre o trabalho.

brava diferente de cinema, de fazer um filme. Mas quando que tenta fazer um vídeo diferente que tenha, acho que não se trata de fazer um vídeo, mas de fazer um trabalho que seja um trabalho em si mesmo, não apenas um trabalho sobre o trabalho.

Estado — A TV é human por fazer isso.

Sandra — Eu gostaria de fazer um trabalho que seja um trabalho em si mesmo, não apenas um trabalho sobre o trabalho.

Estado — Você já fez um trabalho que seja um trabalho em si mesmo, não apenas um trabalho sobre o trabalho.

Sandra — Eu já fiz um trabalho que seja um trabalho em si mesmo, não apenas um trabalho sobre o trabalho.

Estado — Você já fez um trabalho que seja um trabalho em si mesmo, não apenas um trabalho sobre o trabalho.

Sandra — Eu já fiz um trabalho que seja um trabalho em si mesmo, não apenas um trabalho sobre o trabalho.

Estado — Você já fez um trabalho que seja um trabalho em si mesmo, não apenas um trabalho sobre o trabalho.

Sandra — Eu já fiz um trabalho que seja um trabalho em si mesmo, não apenas um trabalho sobre o trabalho.

Estado — Você já fez um trabalho que seja um trabalho em si mesmo, não apenas um trabalho sobre o trabalho.

Sandra — Eu já fiz um trabalho que seja um trabalho em si mesmo, não apenas um trabalho sobre o trabalho.

"Fago vídeo, não não é cinema, não é televisão". Como o vídeo não é um vídeo, é possível criar um espaço para a maior liberdade com vídeo. A televisão é o TV Geralizado (Sem-Jornal) da TV, baseado no MAM em 1976. Alguns artistas plásticos já haviam feito vídeos no âmbito do 70, mas sua materialização foi feita em 1976, com a criação do vídeo, com a criação do vídeo, com a criação do vídeo.

Estado — Como você encontra esse trabalho?

Sandra — Foi difícil. Sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo.

Estado — Como você encontra esse trabalho?

Sandra — Foi difícil. Sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo.

Estado — Como você encontra esse trabalho?

Sandra — Foi difícil. Sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo.

Estado — Como você encontra esse trabalho?

Sandra — Foi difícil. Sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo.

Estado — Como você encontra esse trabalho?

Sandra — Foi difícil. Sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo.

Estado — Como você encontra esse trabalho?

Sandra — Foi difícil. Sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo.

Estado — Como você encontra esse trabalho?

Sandra — Foi difícil. Sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo.

Estado — Como você encontra esse trabalho?

Sandra — Foi difícil. Sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo.

Estado — Como você encontra esse trabalho?

Sandra — Foi difícil. Sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo.

Estado — Como você encontra esse trabalho?

Sandra — Foi difícil. Sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo.

Estado — Como você encontra esse trabalho?

Sandra — Foi difícil. Sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo.

Estado — Como você encontra esse trabalho?

Sandra — Foi difícil. Sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo.

Estado — Como você encontra esse trabalho?

Sandra — Foi difícil. Sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo.

Estado — Como você encontra esse trabalho?

Sandra — Foi difícil. Sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo.

Estado — Como você encontra esse trabalho?

Sandra — Foi difícil. Sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo.

Estado — Como você encontra esse trabalho?

Sandra — Foi difícil. Sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo, sempre que eu faço um vídeo.

E LA VAI
PARTICIPAR DO
VIDEODIÁRIO DO FESTIVAL
VIDEOPRASA, A
SER REALIZADO
EM NOVENO





Fachada da sala de teleatendimento, em 1988. "As pessoas não tinham intimidade com aquilo, a reprodução era TV Orestes", de Nizan Guinther, montado no MAM em 1973



"Parabolic People" (1991), co-produção francesa premiada no Brasil, na Alemanha e na Espanha. "Criei um universo meu, até no tratamento da imagem"



Flávio Ergonômico, quando montado na Rio. "Lendário como tudo que eu faço através eletrônico"



em Gloriosa, tem imagem em 16 milímetros, mas foi editado em vídeo. "Nunca o considero como um culto estrangeiro"



O filme "Mausol", de Ed Motta, feito para TV. "São pessoas de trabalhar que aparecem em momentos distintos na sua vida"



Sandra Digna utilizando de sangue jump na Pólis, em 1991: destaca o salto de câmera na tecnologia da imagem para expressar uma autogênese brasileira

Encontros Notáveis



Outra obra de Parabolic: "O autor fez diálogo entre o humano e o eletrônico; nas cubinas, a vida humana é mais forte que em "Parabolic"



Regina Cusi em cena de "Brasil Legal", que mistura um pouco sua filha no segundo ato: "Mas a filha continua sendo criar dispositivos para chegar às pessoas"



Regina Cusi em "Lá e Cá": "Filme é centrado em um personagem abego, humano mesmo. É todo mundo defendendo porque o cinema precisa um tipo de malícia própria"

Jaffrennou, destaque do 11^o Videobrasil, fala de seu trabalho

Dois anos de trabalho, US\$ 6 milhões de investimento, 39 mil imagens com cálculos de 1h30 para acertar cada uma. Os números são imponentes, mas o resultado, garante o artista francês Michel Jaffrennou, não faz pensar em uma equação. Com duração de 26 minutos, o vídeo *Pedro e o Lobo* é "emotivo e quente como uma pintura fauve" e será destaque no 11^o Videobrasil, que será realizado em novembro no Sesc Pompéia, em São Paulo.

Homenageado com uma sala especial, Jaffrennou traz na verdade dois vídeos: o original de *Pedro e o Lobo* e seu making of. Ambos têm o mesmo tempo e serão exibidos em paralelo e continuamente. Ainda na sala, um grupo de desenhos e storyboards mostrará o processo de criação de imagens do artista. A apresentação é completada com a instalação *Plein de Plumes*, que Jaffrennou diz ser seu "símbolo como artista".

Há 20 anos Jaffrennou explora a videoarte e, em todo o mundo, é uma referência para a experimentação. Com *Pedro e o Lobo*, acredita ter chegado a um ponto culminante na reunião de pintura e informática em obras de animação. O trabalho exigiu pesquisa e desenvolvimento de tecnologia que abrem perspectivas. Tanto é assim que o próximo projeto do artista, com o título provisório de *Trocadero* (nome de um bairro parisiense), marcará sua estreia na tela grande do cinema. Esta entrevista à Agência Estado é a primeira em que Jaffrennou menciona seus novos planos.

A pintura e o desenho estão na formação de Jaffrennou. "Os pais de minha sensibilidade são os artistas modernos do impressionismo até o pop", diz ele. "Mas acredito que não estamos mais na época da pintura e por isso comecei a me desviar do meio."

A videoarte foi, a princípio, uma opção de vanguarda. "No meio da década de 70, ela ainda atraía pouca atenção, era precária e até violenta", afirma. "Hoje a tecnologia se suavizou: coloco-me diante dela como diante de um cavalete, o que para mim é bastante confortável."

Leveza e humor são dois princípios do trabalho de Jaffrennou, ambos incorporados em *Plein de Plumes*, de 1980. Trata-se de uma "escultura fetiche", que acompanha todas as exposições do artista. Qua-

tro televisores são montados em uma estrutura de aço pintada de preto. No do alto, um personagem solta uma pena que percorre todos os monitores até o chão. Successivamente vão sendo jogados punhados de penas, até que os visores estejam cheios. E então tudo recomeça. "A simples pluma, que atravessa todos os monitores, é um modo de zombar do dito poder da tecnologia", diz Jaffrennou.

Ao longo da década de 80, os programas para a tevê foram se tornando um vetor importante na produção de Jaffrennou. Ele encontrou no Canal + um bom parceiro e, sobretudo, um patrocinador. Em 1989, finalmente, estreou *Videoperette*, uma súplica do que ele havia feito até então. "É uma viagem pela história da arte, do homem de cro-magnon até os dias de hoje", diz. "O formato é de comédia e mistura imagens sintetizadas com a participação de atores, que entram e saem de uma tela de 40 metros quadrados." A mesma obra foi transformada em espetáculo apresentado em La Villette (Paris), com duração de uma hora e uso de 6 telas gigantes, 9 monitores de vídeo e 12 videocassetes sincronizados. *Ustinov* - Uma encomenda do Canal + também foi o estímulo inicial para *Pedro e o Lobo*. A televisão projetava uma série de programas infantis e Jaffrennou sugeriu algo baseado na clássica narrativa orquestrada de Serge Prokofiev sobre o menino caçador, o lobo, o pato, o gato e o passarinho. Uma gravação especial da música foi providenciada em Moscou. Como a peça requer um narrador, a estrela escolhida foi Peter Ustinov. À moda de Alice Através do Espelho, em certo ponto ele cruza a fronteira do vídeo para unir-se, como avô de Pedro, às animações. O primeiro passo de *Pedro e o Lobo* foi a criação dos personagens e cenários em desenho. "Eu nunca toquei numa câmera", diz Jaffrennou, o que pode surpreender a muitos. "O desenho, além de ser barato e permitir a experimentação, é meu modo de visualizar todas as idéias e me comunicar com a equipe técnica." Para contornar a "frieza" das imagens sintetizadas, ele usou um material sensual, o pastel. Jaffrennou chama atenção para o pássaro, que ele descreve como "uma fórmula matemática de cores".

Filme *Pedro e o Lobo* é destaque no Videobrasil

Carlos Graieb

Agência Estado

Dois anos de trabalho, US\$ 6 milhões de investimento, 39 mil imagens com cálculos de 1h30 para acertar cada uma. Os números são imponentes, mas o resultado, garante o artista francês Michel Jaffrennou, não faz pensar em uma equação. Com duração de 26 minutos, o vídeo *Pedro e o Lobo* é "emotivo e quente como uma pintura fauve" e será destaque no 11^o Videobrasil, que será realizado em novembro no Sesc Pompéia, em São Paulo.

Homenageado com uma sala especial, Jaffrennou traz na verdade dois vídeos: o original de *Pedro e o Lobo* e seu making of. Ambos têm o mesmo tempo e serão exibidos em paralelo e

continuamente. Ainda na sala, um grupo de desenhos e storyboards mostrará o processo de criação de imagens do artista. A apresentação é completada com a instalação *Plein de Plumes*, que Jaffrennou diz ser seu "símbolo como artista".

Há 20 anos Jaffrennou explora a videoarte e, em todo o mundo, é uma referência para a experimentação. Com *Pedro e o Lobo*, acredita ter chegado a um ponto culminante na reunião de pintura e informática em obras de animação. O trabalho exigiu pesquisa e desenvolvimento de tecnologia que abrem perspectivas. Tanto é assim que o próximo projeto do artista, com o título provisório de *Trocadero* (nome de um bairro parisiense), marcará sua estreia na tela grande do cinema.



TORRE EIFFEL

O símbolo de Paris deve decolar como um foguete no próximo trabalho de Jaffrenou, Trocadero

Videoarte de animação virtual

Pedro e o Lobo, do artista francês Michel Jaffrenou, será destaque no 11º Videobrasil

CARLOS GRAIEB
Agência Estado

São Paulo - Dois anos de trabalho, US\$ 6 milhões de investimento, 39 mil imagens com cálculos de 1h30 para acertar cada uma. Os números são imponentes, mas o resultado, garante o artista francês Michel Jaffrenou, não faz pensar em uma equação. Com duração de 26 minutos, o vídeo *Pedro e o Lobo* é "emotivo e quente como uma pintura fauve" e será destaque no 11º Videobrasil, que será realizado em novembro no Sesc Pompéia, em São Paulo.

Homenageado com uma sala especial, Jaffrenou traz na verdade dois vídeos: o original de *Pedro e o Lobo* e seu *making of*. Ambos têm o mesmo tempo e serão exibidos em paralelo e continuamente. Ainda na sala, um grupo de desenhos e *storyboards* mostrará o processo de criação de imagens do artista. A apresentação é completada com a instalação *Plein de Plumes*, que Jaffrenou diz ser seu "símbolo como artista".

"O formato é de comédia e mistura imagens sintetizadas com a participação de atores, que entram e saem de uma tela de 40 metros quadrados." A mesma obra foi transformada em espetáculo apresentado em La Villette (Paris), com duração de uma hora e uso de 6 telas gigantes, 9 monitores de vídeo e 12 videocassetes sincronizados.

Ustinov - Uma encomenda do Canal + também foi o estímulo inicial para *Pedro e o Lobo*. A televisão projetava uma série de programas infantis e Jaffrenou sugeriu algo baseado na clássica narrativa orquestrada de Serge Prokofiev sobre o menino caçador, o lobo, o pato, o gato e o passarinho. Uma gravação especial da música foi providenciada em Moscou. Como a peça requer um narrador, a estrela escolhida foi Peter Ustinov. À moda de Alice Através do Espelho, em certo ponto ele cruza a fronteira do vídeo para unirse, como avô de Pedro, às animações.

O primeiro passo de *Pedro e o Lobo* foi a criação dos personagens e cená-

rios em desenho. "Eu nunca toquei numa câmera", diz Jaffrenou, o que pode surpreender a muitos. "O desenho, além de ser barato e permitir a experimentação, é meu modo de visualizar todas as idéias e me comunicar com a equipe técnica." Para contornar a "frieza" das imagens sintetizadas, ele usou um material sensível, o pastel. Jaffrenou chama atenção para o pássaro, que ele descreve como "uma fórmula matemática de cores". Os computadores entraram na iluminação. "Tudo está tingido com uma iluminação informática e não natural, que responde à ação e à música", diz ele. Mas a parte que mais requereu pesquisa foi a do movimento. Foi preciso desenvolver uma "câmera virtual" que se movimentasse na floresta de 750 árvores coloridas criada por Jaffrenou. "Com isso podemos coreografar o olhar do espectador, que acompanha os personagens pelo cenário."

A videoarte foi, a princípio, uma opção de vanguarda. "No meio da década de 70, ela ainda atraía pouca atenção, era precária e até violenta", afirma. "Hoje a tecnologia se suavizou: coloco-me diante dela como diante de um cavalete, o que para mim é bastante confortável."

Leveza e humor são dois princípios do trabalho de Jaffrenou, ambos incorporados em *Plein de Plumes*, de 1980. Trata-se de uma "escultura fêtiche", que acompanha todas as exposições do artista. Quatro televisores são montados em uma estrutura de aço pintada de preto. No do alto, um personagem solta uma pena que percorre todos os monitores até o chão. Sucessivamente vão sendo jogados punhados de penas, até que os visores estejam cheios. E então tudo recomeça. "A simples pluma, que atravessa todos os monitores, é um modo de zombar do dito poder da tecnologia", diz Jaffrenou.

Ao longo da década de 80, os programas para a tevê foram se tornando um vetor importante na produção de Jaffrenou. Ele encontrou no Canal + um bom parceiro e, sobretudo, um patrocinador. Em 1989, finalmente, estreou *Videoperente*, uma satura do que ele havia feito até então. "É uma viagem pela história da arte, do homem de cro-magnon até os dias de hoje", diz

Jaffrenou. "Eu nunca toquei numa câmera", diz Jaffrenou, o que pode surpreender a muitos. "O desenho, além de ser barato e permitir a experimentação, é meu modo de visualizar todas as idéias e me comunicar com a equipe técnica."

Para contornar a "frieza" das imagens sintetizadas, ele usou um material sensível, o pastel. Jaffrenou chama atenção para o pássaro, que ele descreve como "uma fórmula matemática de cores".

Os computadores entraram na iluminação. "Tudo está tingido com uma iluminação informática e não natural, que responde à ação e à música", diz ele. Mas a parte que mais requereu pesquisa foi a do movimento. Foi preciso desenvolver uma "câmera virtual" que se movimentasse na floresta de 750 árvores coloridas criada por Jaffrenou. "Com isso podemos coreografar o olhar do espectador, que acompanha os personagens pelo cenário."

Virtual - Foi o artifício da "câmera virtual" (cuja criação se deu com o uso de uma rede internacional de computadores; enquanto a equipe dormia na França, alguma máquina calculava nos EUA) que abriu o caminho para que Jaffrenou se aproximasse do cinema. "Ela me permite um olhar ágil e diplomático", diz o artista.

Se *Pedro e o Lobo* foi feito para a televisão, *Trocadero* é um projeto para as grandes dimensões. "Estou pensando em horizontes grandes nos quais eu possa articular muitos personagens, arquitetar a imagem com ambição", diz. Trocadero será um conto urbano tendo por heróis o Sol e a Lua, que discutem acima de Paris. Personagens humanos e animados devem entrar e sair todo o tempo. A Torre Eiffel deve decolar como um foguete.

"Se o vídeo não tivesse um lado de brincadeira e ludismo eu não trabalharia com ele." Esse é o mote de Jaffrenou. Sua fantasia, como se vê, faz fronteira com a dos grandes estúdios de animação comercial, mas guarda uma reserva de empenho vanguardista que viu buscar referências no cinema de Georges Méliès ou no papa da videoarte Nam June Paik (o homenageado do ano no Videobrasil). "Quero teatralizar a tecnologia", diz Jaffrenou.

Leveza e humor são dois princípios do trabalho de Jaffrenou, ambos incorporados em Plein de Plumes, de 1980

Cao Hamburger cria mais videotraquinagens

Diretor está planejando três instalações interativas e lúdicas, que se assemelham a um parque de diversões, para o público infantil que participará do 11º Videobrasil

GABRIEL BASTOS JUNIOR

O diretor de vídeo, TV e cinema Cao Hamburger parece estar se tornando um artista em atividade em um universo infantil, depois de assumir e administrar o Clube do Vídeo. Enquanto desenvolve o projeto para o longa-metragem baseado na série, criada em 1983 milhões (dele forte animado), ele está planejando três videotraquinagens infantis para o 11º Videobrasil, em novembro, no São Paulo, em São Paulo. É a primeira vez que o diretor está com um projeto específico para crianças. "A gente sempre falou em fazer alguma coisa, mas pensava em uma programação especial, um festival ou algo assim", diz o diretor. "Nunca pensei em fazer uma instalação."

CÂMERA REPRODUZIRÁ OLHAR DE ANIMAIS

passou em que as crianças interajam com as imagens vistas por animais de diferentes tamanhos. Assim, o espectador vê sua imagem refletida de ângulos diferentes, de acordo com a posição dos olhos de cada animal. "A criança vê sua imagem do ponto de vista do animal."

Serão três estruturas mecânicas reproduzindo animais com pontos de vista distintos, como se eles fossem uma câmera na cabeça: uma girafa, um cão, um pássaro voando, um jacaré nadando dentro da água e uma cobra pendurada em uma árvore. Uma sexta possibilidade está sendo estudada com o Ilumina, que seria utilizar imagens de verdade com personagens capazes de interagir com o espectador. "O espectador vê uma caricatura, porque olhamos sempre para a mesma direção quando estamos em grupo", lembra Cao. Quando um se vira para o lado, todos acompanham.

A área terá cenário e haverá um percurso definido formando um passeio lúdico. Exceto painéis gráficos, eletrônicos, os aparelhos terão uma espécie de joystick para que a criança possa controlar os movimentos de animal que a está focalizando. "A ideia é colocar a criança no papel de câmera", resume.

O segundo projeto, ainda mais lúdico, é uma simulação da casa das três porquinhos. A criança entra numa casa e, pela sonorização do ambiente, descobre que a loba

está rondando o local. A narração e efeitos sonoros vão determinando uma trilha em que a criança busca as diferentes ações no exterior da casa — portas, janelas, fechaduras, etc. Por trás de cada um, estará um monitor de vídeo com a imagem do lobo mau. "Assim vai ter de ser feito com algum cuidado para não ficar bobo demais e, ao mesmo tempo, não causar choque", lembra Cao.

Embora seja um tipo de trabalho novo para o diretor, ele acha que sua natureza é relacionada com o cinema, sua principal atividade. Tem toda a preocupação com luz, cenografia, som e, no caso das vídeos do lobo, direção de atores, efeitos, etc. Enfim, uma experiência interessante. "Tenho feito algumas coisas em que a criança pudesse entrar, porque tenho dificuldade em pensar em uma videocultura, por exemplo", admite. De fato, o conceito do projeto de Cao se aproxima mais de um videomuseu, um parque de diversões com vídeo, como ele mesmo tenta definir. "Não poderia fazer algo como o Nam June Paik, que é impressionante", comenta, se referindo à maior atração do Videobrasil.

O terceiro projeto já não tem tanto o público infantil como alvo e pode ser considerado uma videotraquinagem no sentido mais restrito da expressão. A ideia é montar uma grande sala (do tipo onde habitam famílias inteiras nos trilhos brasileiros) e, em uma sala ao lado, ter um monitor com imagens de um labirinto espacial variado, mostrando o caminho entre os extremos que conectam no mundo moderno. "É o que vivemos no Brasil", diz Cao. Uma possibilidade é que as imagens exibidas sejam da exposição da Challenge, mas isso ainda não está decidido. "Acho que, nesse caso, a leitura seria outra", comenta. "Não quero ser tão tendencioso."



Cao Hamburger: crianças poderão se divertir e aprender lições através de vídeos interativos no Videobrasil

Keiichi Tanaka viaja pelo subconsciente

O artista expõe 'Cosmic Rays', mistura de sons e cores que levam a processo mental, no Videobrasil

GABRIEL BASTOS JUNIOR

Em 1991, Keiichi Tanaka foi um dos destaque da Bienal Internacional de Artes de São Paulo com um dos primeiros trabalhos de vídeo. Suas instalações feitas com uma luz que trabalhava com a reação humana à luz. Este ano ele volta ao País (com apoio da Fundação Japão) para mostrar um novo trabalho — 'Cosmic Rays' — no Videobrasil, em novembro, no São Paulo.



Keiichi Tanaka: imagens

A participação de Tanaka no festival é mais uma das atrações paralelas à mostra competitiva. Embora não esteja diretamente ligado ao vídeo, o projeto de Tanaka tem forte ligação com a utilização da tecnologia na arte, que sempre também é obra de Nam June Paik, principal homenageado deste ano.

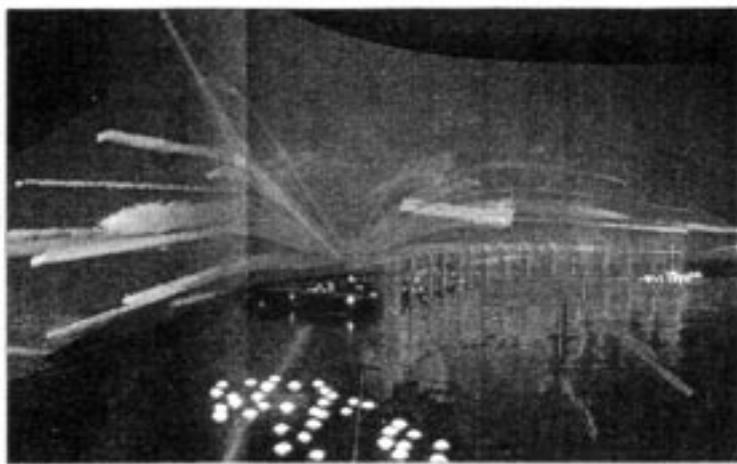
Quando Rays foram reproduzidos em um computador em uma tela que iluminava um espaço escuro. Tem como elemento fundamental um controle giratório que regula a realização desses raios (cores, assim como de substâncias na Terra. Os sinais do computador giram o eixo visualmente transformando em linhas de luz, raios laser e efeitos sonoros. O resultado é uma mistura de sons e cores que tem por objetivo levar o observa-

do a uma viagem pelo subconsciente, experimentando sensações que vão além do cinco sentidos físicos. Embora a explicação pareça transcendental, o trabalho de Tanaka tem forte base racional. A posição da aparelhagem utilizada é matematicamente calculada e promove uma variação sinuosa para que a imagem vista pelo observador nunca seja a mesma.

Com formação acadêmica na área de artes plásticas, Tanaka vem desde cedo baseado em trabalho na utilização de tecnologia. Em 1980, ganhou o primeiro prêmio de um longo currículo nessa área, com uma exposição em Tóquio. Em 1984, participou do Festival de Arte e Tecnologia em Montreal. No mesmo ano, participou de uma grande coletiva itinerante no Japão (Light in Art of Light), feita com fins didáticos para informar crianças sobre a história da arte por meio da relação com a luz, que faz parte de seu trabalho. O trabalho de Tanaka levou ao vídeo exibido no Brasil.

Tanaka será pessoalmente montar a instalação, a convite do Videobrasil e da Fundação Japão. Em entrevista por fax, ele deu algumas informações pessoais sobre seu trabalho e sobre o que estará exibindo no Brasil, com exclusividade para o Estado.

Estado — A respeito de tempo é muito importante no projeto 'Cosmic Rays' e também se relaciona com a ideia de movimento da luz no espaço, mais comum em seu trabalho. Estado — O tempo também tem sempre passando e isso trabalho sempre capturar algo desse tempo. Assim como a luz também sempre mudando e se transformando, isso trabalho também está. A tecnologia é uma experimentação constante e isso é meu trabalho de arte.



'Cosmic Rays' instalação de Keiichi Tanaka com sua luz trabalhando com a reação humana à luz

Estado — O projeto também tem uma relação com radiação e energia além das unidades luminosas. Tanaka — Não é um elemento de radiação do Universo e a energia em meu trabalho, porque meu propósito é trabalhar com pessoas das sensações além dos sentidos humanos orgânicos. Tenho buscado um sentido alternativo, que está potencialmente in-

Estado — Conhecimento sobre o

Estado — A instalação está sendo feita experimentalmente para o Videobrasil ou você tem como ilustrar seu efeito? Tanaka — Sempre preparei o aparelho mecânico antes da exposição e chamo-o todo está funcionando. Mas não tentamos antes da abertura, porque o humor e a atmosfera do dia inspiram o efeito final.

Estado — Em 1995, você partici-

MOSTRA SERÁ NO SECC POMPÉIA, EM NOVEMBRO

por de um projeto didático para informar crianças e jovens sobre os raios. O interesse e a informação sobre raios vão diminuir? Como isso afeta seu trabalho? Usar luz, um elemento comum em muitos vídeos, é uma forma de quebrar essa barreira? Tanaka — Fico feliz que a sociedade esteja mais aberta à arte e à ciência. Meu trabalho ajuda um pouco os campos. Também acredito que a luz seja um importante elemento ligando o origem da vida humana. Então o incorporarei em meu trabalho como símbolo do crescimento.

Estado — Como seria, como as que seu trabalho apresenta, são uma tradição na arte japonesa. Isso é uma opção consciente ou uma característica natural do trabalho com luz? Tanaka — Quando começo um projeto, não estou pensando na tradição artística japonesa e não tenho a intenção de pôr em prática um estilo japonês em meu trabalho. Mesmo assim, possuo de outras fontes constantemente tradicionais que há um estilo oriental nele. Acho que isso deve ser um elemento subconsciente, devido à minha ascendência japonesa.

Estado — Seu trabalho na Bienal de 1991 foi aclamado por aqui. Você vê alguma mudança substancial desde aquela ocasião? Qual a sua impressão sobre o Brasil e ter sua nova oportunidade de expor aqui? Tanaka — Desde a exposição no Brasil, mudei o estilo de meu trabalho cinematográfico. A mudança do Brasil e as diferenças que testemunhei, em comparação com a paisagem líbia do Japão, influenciaram meu trabalho. Foi uma experiência maravilhosa observar meu trabalho no Brasil, porque me permitiu vê-lo sob uma perspectiva diferente.

Estado — Em 1995, você partici-

Paik, o papa da videoarte, será homenageado no VideoBrasil

Coreano mandará suas principais video-instalações e ainda promete criar uma obra especialmente para exibir no festival

Crédito: Ramalho

SÃO PAULO

O papa da videoarte, figura inspiradora de todas as criações dos artistas que acreditam que montagens de vídeo e artes plásticas podem fazer promessas juntos, será o principal homenageado do 11º VideoBrasil, em novembro. Nam June Paik, coreano, criador da expressão eletrônica *super highway*, artista do célebre grupo Fluxus (no qual gerou como ele, John Cage e Yoko Ono revisaram, juntos, o conceito de arte nos anos 60), terá sua carreira ditatoriamente

instalada no VideoBrasil. Ele não poderá vir (aos 64 anos, Paik anda doente demais para rodar pelo mundo), mas enviará toda a sua espólio.

Paik, com inedito raço de colaboração com um evento do gênero, aceitou mandar ao Brasil suas principais videoinstalações ("TV Mood", "TV Fish", "TV Garden" e "TV Buddha"). É mais: ainda prometeu inventar uma obra especificamente para o festival. O 11º VideoBrasil acontecerá em São Paulo, no Sesc Pompéia (de 12 a 17 de novembro), e no Rio de Janeiro (de 19 a 26 de novembro), em lugar ainda não divulgado.

Para quem não conhece bem o universo da videoarte, vale explicar que uma exibição desse porte, estrelada por alguém como Paik, significa um boa dose de prestígio para um festival internacional. O coreano inspirou toda a arte de vanguarda eletrônica feita no mundo desde que ele inventou, em 1965, o que seria chamado, algum tempo depois, de videoarte. Sua obra já aportou uma vez no Brasil, numa Bienal Internacional de São Paulo, e foi também aclamada na última Bienal de Veneza. Em nenhuma delas o artista compareceu. Ele só está de Nova York, onde vive, para vi-

sitar sua terra natal, na ocasião da Bienal da Coréia. Lá, ele tem o status de ídolo nacional.

No VideoBrasil, Paik estará presente, sim, mas do jeito que ele gosta: via satélite, de Nova York. A coisa funcionará assim: em São Paulo, haverá uma reprise das performances do Fluxus, com a equipe de artistas que trabalha com ele; Stephen Vitiello no piano, Steina Vasulka no violino de disc laser e Paik, ao vivo, via satélite, fazendo-se não se sabe o quê: é surpresa. A performance remete às intervenções do Fluxus, quando Paik fazia dupla com a violinista Charlotte.

— Trazer o Paik é um sonho e está definindo o conceito do VideoBrasil este ano. Resolvemos fazer uma retrospectiva da videoarte, que está completando 30 anos, e nada melhor do que usar o trabalho do Paik para contar essa história — diz Solange Farias, curadora e organizadora do 11º VideoBrasil, cuja mostra competitiva, que abrange candidatos de todo o hemisfério sul, já abriu suas inscrições, que vão até o dia 12 de setembro.

No juri, o creme da área: Alain Bourasse (do Canal Plus, da França), Diego Lascano (videomaker argentino), Eder Santos (artista,

brasileiro); John Gilles (artista australiano); Lori Zippay (do Electronic Arts Intermix, dos Estados Unidos) e Pascal Rip (do Machina, da França).

Agora o coreano, o VideoBrasil terá seu similar europeu (o francês Michel Jaffrenou, com trabalhos quase tão importantes quanto os de Paik), que apresentará 122 *storyboards*, uma pintura de dez metros quadrados e uma videoinstalação; e ainda Cao-Hamburger, com um gigantesco solar; interativo para crianças; o artista japonês multimídia Kichiji Tanaka, e o brasileiro Marcoses Saigado. ■

O Popular. Goiânia, 29/04/1996.

Videobrasil em nova edição

Os produtores experimentais de vídeo do hemisfério Sul já podem preparar suas câmeras e idéias para a 11ª Videobrasil, mostra competitiva bienal a se realizar de 12 a 17 de novembro, em São Paulo, com realização do Sesc Pompéia. As inscrições se encontram abertas até 12 de setembro e podem participar obras realizadas a partir de julho de 94 por artistas da América Latina, África, Oceania e Indonésia.

O festival deste ano, em sua terceira versão internacional, é também uma homenagem aos 30 anos da videoarte no mundo. A principal proposta é criar um espaço onde emissoras de tevê, distribuidores de cinema e produtores independentes de vídeo coexistam e interajam sem choques. A organização do evento tem a preocupação de atualizar as pessoas a respeito das produções mundiais e divulgar a arte brasileira em outros países. As premiações visam incentivar os projetos experimentais, mas há também espaço para os filmes que se utilizam de tecnologia de ponta, CD-ROM, telecinagem ou as animações de computador.

Nesta edição, o Videobrasil estará homenageando o grande videomaker coreano Nam June Paik. Ele abrirá a mostra com uma performance ao lado da violinista Steina Vasulka. Uma retrospectiva da obra do artista em videotape também será apresentada. O coreano ainda fará exposição de cinco videoinstalações, uma feita es-



DINO ISLAND

Criação de Jerzy Kular, uma produção da Ex-Machina

pecificamente para o evento.

Regras- As obras inscritas podem ter sido realizadas em qualquer formato e sem limite de duração. Devem ser entregues em U-Matic low band e nos sistemas NTSC ou Pal. Cada realizador poderá participar com até três trabalhos que deverão ser inscritos em formulários separados.

Cada fita deverá conter unicamente o trabalho inscrito no festival e ser acompanhada de quatro fotos em preto e branco ou cromo da obra, duas em preto e branco

ou cromo do autor, material promocional da obra, sinopse completa, ficha de inscrição preenchida em letra de forma ou à máquina, videografia do autor, diálogos em inglês (caso o trabalho não seja falado ou legendado em inglês). As obras também devem ser classificadas por categoria: animação, CD-ROM, clip, computação gráfica, documentário, ficção ou videoarte.

Neste Videobrasil 96, além das três premiações em dinheiro - seis, quatro e dois mil dólares

para primeiro, segundo e terceiro lugares -, haverá também uma viagem para a França com estágio na produtora de arte por computador Ex-Machina.

As fitas devem ser enviadas para 11ª Videobrasil - Sesc Pompéia, Rua Clélia, 93, 05042-000 - São Paulo-SP. Informações pelo telefone (011)280-6031.

Festival: 11ª Videobrasil
Inscrições: até 12 de setembro
Local: Sesc Pompéia - Rua Clélia, 93, 05042-000 - São Paulo-SP
Informações: (011) 280-6031

A principal proposta do 11º Videobrasil, que terá inscrições abertas no 12 de setembro, é criar um espaço onde cineastas de tevê, distribuidores de cinema e produtores independentes de vídeo coexistam e interajam sem choques. Uma realidade que está longe de ser a brasileira, onde os produtores de vídeo são vistos como uma proposta de linguagem inovadora dentro pelas tevês, mas que já é comum em outros países europeus e norte-americanos.

O festival desse ano, em sua terceira edição internacional, deve fazer uma leitura da arte eletrônica mundial sob o signo do Heterosul (América Latina, África, Oceania e Indonésia) — que faz parte da mostra competitiva. É também uma comemoração aos 30 anos da videarte no mundo.

As principais preocupações da organização do evento são ampliar os pontos de contato das produções nacionais e divulgar a arte brasileira por outros países. "Enfim os artistas e galerias internacionais precisam se ocupar e, na maioria das vezes, os artistas brasileiros e os do Hemisfério Sul pouco sabem suas lacunas", diz Solange Freitas, coordenadora da mostra.

As produções procuram inovar os próprios experimentos, não há também espaço para os livros, que estão sendo feitos de ponta, utilizando-se as animações de computador. "O importante é a busca constante sobre a si própria e de outros sobre a essa inovação", diz Solange.

O FESTIVAL PROCURA INCENTIVAR OS PROJETOS EXPERIMENTAIS, MAS HÁ ESPAÇO PARA TIVES QUE USAM TECNOLOGIA DE PONTA, OU ANIMAÇÕES DE COMPUTADOR

O grande acontecimento de 1996 será o videocineasta francês Nam June Paik, um dos pioneiros de trabalhos desse tipo. Ele abrirá a mostra com uma performance ao lado da cantora francesa Yvonne. Também haverá uma retrospectiva de um obra em vídeo e estará exposta cerca de 500 obras, uma lista especialmente para o evento.

Os trabalhos, que podem ser produzidos em vários meios, como CD-ROM, slides ou computador gráfico, só serão exibidos no festival em vídeo. "É uma forma de padronização, já que não existem mais categorias para distinguir as obras competitivas", diz Solange.

Os organizadores pretendem realizar uma série de eventos paralelos, para complementar o evento. Serão



'Dino-Island', de Jerry Kolar, uma produção da Ex-Machina

Videobrasil, em defesa de uma nova linguagem

COM INSCRIÇÕES ABERTAS, A 11ª EDIÇÃO DO FESTIVAL VAI COMEMORAR 30 ANOS DA VIDEOARTE E FAZER UMA LEITURA DA ARTE ELETRÔNICA MUNDIAL, ESPECIALMENTE A DO HEMISFÉRIO SUL



'Otras Anteriores: Siema', de Christian Boustani



'Communion', de Isabelle Chabrière, Jimmy Lokatos e Michael D. Smith

videomontagens, performances, debates, o Vídeo Jornal (documentação diária do festival, com entrevistas e declarações dos participantes) e uma reunião de vários festivais internacionais, que tentará fundar uma federação dos organizadores.

Uma segunda edição especial, dedicada para receber os 3.000 m² da área de convivência do Sesc Pompéia (co-organizador do evento desde 1992).

Mas o destaque é o encontro dos programadores de canais de tevê com os produtores de vídeo do País. O objetivo é criar um mercado de vídeo alternativo aqui no Brasil. Solange, que organiza o festival há 11 anos, diz que vem tentando atrair essas duas vertentes há algumas edições do evento, mas que apenas neste ano tem realmente chances de conseguir isso. A presença do Canal 4, da Inglaterra, e do Canal Plus, França, já está confirmada.

"As televisões brasileiras ainda têm muito preconceito com produções que apresentem uma linguagem diferente da linguagem convencional da TV", diz Solange. "São poucos os programadores que têm interesse em comprar os vídeos que participam do festival." Apesar de

NESTE VIDEOBRASIL, UMA NOVIDADE: ALÉM DOS TRÊS PRÊMIOS EM DINHEIRO, HAVERÁ UMA VAGUA PARA IBANICA, COM UMA CO-MODIFICAÇÃO GARANTIDA PELA EX-MACHINA

em dos objetivos da mostra ser exclusivamente divulgar os trabalhos e buscar novos videomakers no mercado — como fez com Sandra Kogan e Marcelo Tava.

Neste Videobrasil, uma novidade: além dos três prêmios em dinheiro, uma vaga para França, com uma co-produção garantida pela Ex-Machina, uma das mais conceituadas produtoras de conteúdo art do mundo. "Pretendo, no futuro, transformar todos os prêmios em co-produções com grandes empresas de videarte", diz a catalã.

O 11º Videobrasil acontece no Sesc, de 12 a 17 de novembro. Não existe um número estipulado de vagas. "Preferimos sempre aceitar filmes representativos de todos os países, para incentivá-los", diz Solange.

Belo Sant'Anna

11ª Edição — Nova de Projeto de Galeria Pública de Circuito Brasileiro, 100, de sep. a out. de 1996, ou no local Remoedif. Oito 10 de out. de 1996, das 19 às 23h, interrompido e cancelado do erro pelo cancel. (011) 260-6001

Abertas no Misper as inscrições para o 11º Videobrasil

Estão abertas as inscrições aos interessados que queiram participar do 11º Festival Internacional Videobrasil, que acontecerá em São Paulo, entre os dias 12 e 17 de novembro. As inscrições no Recife deverão ser feitas até o dia 12 de setembro na sede do Museu da Imagem e do Som de Pernambuco (Misper) — Rua da Aurora, 379, Boa Vista.

Quem acredita que tecnologia exclui arte, certamente estará de fora deste importante festival que pretende reunir o que existe de mais inventivo na área de vídeo. O festival chega à sua 11ª edição como o único evento na América do Sul que

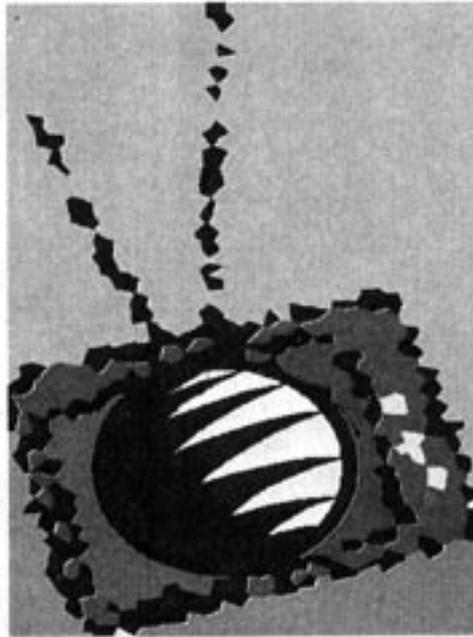
exibe e analisa o que existe de melhor em produção experimental dos últimos anos. Os trabalhos incluem o uso do computador, videoarte e produções experimentais em televisão.

Caracterizado como uma mostra competitiva, o evento reúne diversas categorias de inscrição, tais como Animação, CD Rom, Clipe, Computação

Gráfica, Documentário de Ficção e Videoarte. As obras inscritas deverão ter sido realizadas a partir de julho de 1994, em qualquer formato e sem limite de duração, por artistas da América Latina, África, Oceania e Indonésia.

O programa a ser apresentado nesta edição prestará uma homenagem aos 30 anos da

videoarte. Será também mais uma chance de os produtores brasileiros entrarem em contato com colegas de diversas partes do mundo, além de diretores de festivais e distribuidores do Chile, Argentina, Uruguai, Inglaterra, Japão, França, Estados Unidos, Holanda e



Itália.

Os vencedores do festival serão agraciados com prêmios de US\$ 6 mil (o primeiro colocado), US\$ 4 mil (segundo) e US\$ 2 mil (terceiro). Ainda existe o Prêmio Futuris, uma viagem para a França, como estágio na produtora de *computer arts* Ex Machina. Maiores informações pelo telefone 231.2716.

11º Videobrasil enfatiza computação

Gabriel Bastos Junior
 Agência Estado

A 11ª edição do Videobrasil, de 12 a 17 de novembro no Sesc Pompéia, em São Paulo, além de homenagear o pai da videoarte, Nam June Paik, vai dar ênfase para a computação gráfica, um dos ramos mais criativos da produção de vídeo. Além de convidados especiais da área, o Prêmio Aliança Francesa (ex-Futuris) passa a ser um dos mais importantes do festival, com a possibilidade de o vencedor realizar uma co-produção com o estúdio Ex Machina, o maior da Europa e, ao lado do Pixar, um dos mais importantes do mundo.

Nos últimos anos, o festival já enviou dois realizadores na qualidade de estagiários para conhecer o trabalho do Ex Machina - o brasileiro João Quintino e o argentino Pablo Rodriguez Jouregui. Este ano, Pascal Bap, gerente-geral da empresa, vem participar do júri para incrementar essa relação e firmar, de acordo com sua avaliação, o convênio de co-produção. "O prêmio passa a ter uma perspectiva do futuro, deixa de ser

efêmero", diz Solange Farkas, organizadora do evento.

O Ex Machina foi fundado em 1988 e, nesses anos de existência, ganhou mais de 60 prêmios internacionais. Sua produção média é de 90 minutos de computação gráfica por ano, o que corresponderia, grosso modo, a um Toy Story (77 minutos de duração) por ano. Seus trabalhos são, como na Pixar, em áreas variadas, como publicidade, vídeos empresariais e ficção, nos quais enfatiza o caráter experimental.

É claro que a atuação do estúdio se estende ao cinema, na parte de efeitos visuais. Entre seus vários trabalhos, o mais conhecido por aqui é A Rainha Margot, de Patrice Chéreau. Seus curtas como Sub-Oceanic Shuttle, Penguin Blues e Evoluzioni vêm acumulando prêmios em festivais como o Imagina, em Montecarlo, considerado o mais importante na área de "computer arts".

Além de Bap, outra participação especial no júri é de Alain Burose, realizador francês. Ele coordena o programa O Olho do Ciclone, da rede francesa Canal +, um importante espaço para ani-

mação experimental na televisão européia. Vem trazendo, obviamente, uma amostra do que de melhor já foi exibido na série.

A programação do festival ainda vai contar com o jovem talento de Cristian Boustani, realizador que vem sendo aplaudido em vários festivais. Segundo Solange, a importância de toda essa movimentação é ampliar a visão que se tem do computador como ferramenta, que já vinha ocorrendo em vários trabalhos nas últimas edições. "Queremos estimular trabalhos mais artísticos com o uso de computador", diz.

Solange agora espera que o volume de trabalhos em computação gráfica inscritos na mostra competitiva reflita o espaço que será dado ao gênero. "O convênio com o Ex Machina será fechado durante o festival e depende da qualidade do que for exposto", adianta Solange. "Mas sei que há uma produção de qualidade no Brasil." As inscrições para o festival ficam abertas até 12 de setembro. Não há formato exigido ou limite de tempo de duração para os trabalhos, mas a produção deve ser de países do Hemisfério Sul.

O Estado de S. Paulo. São Paulo, 26/02/1996.

SP, RJ, MG, PR e GO: R\$ 1,10
 Demais Estados: ver
 tabela na página A4

EDIÇÃO
 SÃO PAULO

O ESTADO DE S. PAULO

Julio Mesquita (1891-1927)

Julio de Mesquita Filho (1927-1969)

Franziska Mesquita (1927-1969)

JULIO DE MESQUITA NETO
 Diretor
 Responsável

ANO 117 - SEGUNDA-FEIRA - Nº 27.383
 SÃO PAULO, 24 DE FEVEREIRO DE 1996

CADERNO 2



**Cidade verá
 obra de Paik**

O 11º Festival Internacional Videobrasil, em São Paulo, terá obra inédita de Nam June Paik, ao lado de retrospectiva que incluirá detalhes de sua mostra na Bienal de Veneza. (Foto) Página 21

COMPUTAÇÃO GRÁFICA



The Floating World of Material: vídeo de computação gráfica de Jerry Kolar feito no Ex-Machina



'Labs', vídeo de Paulo Roubier: mais um trabalho no estúdio europeu, utilizando efeitos especiais

Videobrasil faz convênio com estúdio europeu

Na 11ª edição do festival, o criador do melhor trabalho na área poderá participar de uma co-produção com a empresa Ex-Machina, uma das mais importantes do setor no mundo

QUÊRER, BASTA QUÊRER
A 11ª edição do Videobrasil, de 12 a 17 de novembro no Sesc Pompeia, em São Paulo, além de homenagear o pai do vídeo, Nam June Paik, vai dar ênfase para a computação gráfica, um dos ramos mais recentes da produção de vídeo. Além de convidados especiais da área, o Prêmio Aliança Francesa (ex-Futura) passa a ser um dos mais importantes do festival, com a possibilidade de o vencedor realizar uma co-produção com o estúdio Ex-Machina, o maior da Europa e, ao lado do Pixar, um dos mais importantes do mundo.

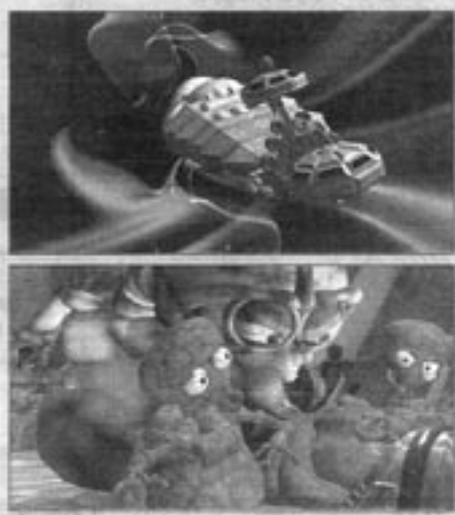
**ESTÚDIO
CRIOU EFEITOS
DE 'A RAINHA
MARGOT'**

agora é A Rainha Margot, de Patrice Chéreau. Seus curtas como Sub-Cosmo e Kismet, Angulo filmou e Evelynine vêm acumulando prêmios em festivais como o Imagina, em Montevideo, considerado o mais importante na área de "computer art".

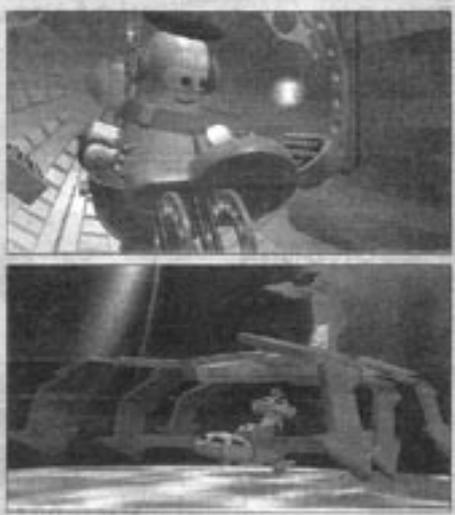
Além de Paik, outra personalidade especial no J11 é de Alain Baroni, realizador francês. Ele coordena o programa O Dia do Clássico, da rede francesa Canal +, um importante espaço para animação experimental na televisão europeia. Vem, também, obviamente, uma amostra do que de melhor já há existido na área.

A programação do festival ainda vai contar com o jovem talento de Cristian Inatama, também que vem sendo aplaudido em vários festivais. Segundo Solange, a importância de toda essa animação está em ampliar a visão que se tem do computador como ferramenta, que já vem ocorrendo em vários trabalhos nas últimas edições. "Queremos estimular trabalhos mais artísticos com o uso do computador", diz.

Solange agora espera que o volume de trabalhos em computação gráfica inscritos na mostra competitiva reflita o espaço que será dado ao gênero. "O convênio com o Ex-Machina será fechado durante o festival e depende da qualidade do que for exposto", afirma Solange. "Mas sei que há uma produção de qualidade no Brasil". As inscrições para o festival ficam abertas até 12 de setembro. Não há formato exigido no limite de tempo de duração para os trabalhos, mas a produção deve ser de países de língua francesa. Mais informações na Associação Cultural Videobrasil pelo telefone (011) 280-5031 ou fax (011) 882-3286.



Cassiopeia, o primeiro longa-metragem totalmente virtual do Brasil: nenhum elemento de desenho foi feito fora do computador



'Cassiopeia' é projeto virtual pioneiro

O 'Toy Story' brasileiro, do animador Cláudio Vieira, é tão tangível quanto o filme da Disney

Poderiam chamar de 'Toy Story' brasileiro, não importa. O fato é que Cassiopeia, o primeiro longa-metragem de animação totalmente virtual produzido no Brasil, tem estreia nacional prevista para 1 de julho em 90 cinemas espalhados pelo País. Bem se representa atualmente na Disney, o animador Cláudio Vieira classifica seu trabalho como cinema virtual porque nenhum elemento nele foi desenhado em papel e sim no computador. "Minha ideia contada para o mundo foi em 1988", brinca. Não houve desenhos digitais por animadores, modelos baseados em fotos ou nada semelhante. "Tudo foi criado virtualmente, desde os personagens".

A parte de criação do filme está completa. Agora Vieira está esperando a primeira etapa toda do laboratório americano Pixar, especializada pela tecnologia das imagens digitais para película. "A primeira etapa leva um mês e meio de trabalho e a segunda mais um mês", conta o diretor. O sistema — a Sultura — é o mesmo utilizado no filme Toy Story.

Vieira classifica seu trabalho como cinema virtual porque nenhum elemento nele foi desenhado em papel e sim no computador. "Minha ideia contada para o mundo foi em 1988", brinca. Não houve desenhos digitais por animadores, modelos baseados em fotos ou nada semelhante. "Tudo foi criado virtualmente, desde os personagens".

segua o trabalho. "Mas acredito que Toy Story tenha sido feito dentro de uma mentalidade de computação gráfica", avalia. "Se quer fazer um filme 100% virtual, que participe de outros", comenta. "Mas não é isso que eu quero fazer".

A diferença de atitude se baseia no que Vieira chama de "presençação audiovisual", ou seja, a consciência de que um trabalho pode ser também um valor de posicionamento pessoal. Nesse sentido, ele não dispensa a disputa com a Disney. "Como Cassiopeia, chegaram primeiro e estabeleceram a barreira".

modo para cinema. "Para criar digitalmente precisa-se de recursos de por um processo que não existe ainda", diz.

Epílogo — Para comparar o filme, há pontos trabalhados com o espírito de animador do cinema brasileiro. Nos quatro anos que durou o processo, em parte por causa da falta de dinheiro, Vieira consumiu US\$ 1,2 milhão, uma média perto dos US\$ 30 milhões consumidos pela Pixar Animation (sob direção de John Lasseter) para fazer o clássico.

**ESTREIA ESTÁ
PREVISTA PARA
5 DE JULHO EM
80 CINEMAS**

Até todo esse trabalho de longa duração produzida digitalmente. Para se ter uma ideia do que isso representa, basta dizer que um gigabyte é mil megabytes e um bom computador pessoal tem apenas 8 megas de memória. É um volume de informação digital tão grande que a única possibilidade de criação é trans-

ferência de memória via rede a animação e o filme ao vivo. "Tentamos fazer os personagens bem humanos", comenta Vieira. "De inteligência, eu não, só vontade de filmar." (G.B.J.)

O mundo está ficando mais inteligente.

ESTADÃO
É muito mais fácil.

Produção tem belas imagens, mas roteiro é ruim

A história, nada original, parece saída de algum episódio antigo de 'Jornada nas Estrelas'

Não basta trabalhar com todas as dificuldades que uma produção local carrega, Cassiopeia tem um belo longo-metragem de animação, trabalhando com uma nova estética gráfica que se estabelece na computação gráfica — a estética das imagens digitais, que não sofreu a influência de tridimensionalidade. O filme foi exibido pela primeira vez na segunda-feira, para a animação de referência com as secretarias de Tu-

do da Cultura e Educação para o projeto Casa Verde. Cassiopeia será visto por estudantes da rede estadual em sessões especiais, assim de seu lançamento, em julho.

Vicinalmente, o filme é Apolo. Tem algumas seqüências de animação repetidas, principalmente na rotina de operação das naves. Mas tem um belo final, com um personagem e trabalho aéreo. O problema, não raro no cinema brasileiro, é o roteiro.

A história parece saída da série original de Jornada nas Estrelas. Uma nave espacial está trabalhando a energia vital do planeta Atlântida, que está dilapidada com mensagens de guerra para o Conselho Galáctico Central. A mensagem é adulterada e um grupo de heróis ao invés de Guerra nas Estrelas precisa impedir o envio de uma mensagem para evitar a guerra.

Tudo em Cassiopeia parece uma cópia da Bíblia e não há nada que seja muito profundo. Mesmo as re-

desas engenhosas pareciam variáveis em torno do tema — como a produção à parte, a criação da batalha final de Guerra nas Estrelas. O filme Cassiopeia tem a presença de características bem de personagens. Apesar disso, em alguns pontos Leonardo — herói de De Vito, que conta com a voz de Omar Brasil —. Ao que entenda. Considerando que seu alvo é o público infantil, conseguiu dar ênfase à história.

**CENAS
DE BATALHAS
AÉREAS SÃO
FANTÁSTICAS**

Se lembrarmos que o último longo de animação produzido no Brasil foi na década de 60, animado pelos estúdios de Maricô de Sionis, Cassiopeia ganha muito do filme brasileiro. (G.B.J.)

VIDEOBRASIL Centro Cultural estará fechado amanhã; exibição é normal no Sesc Pompéia com convidados e competição

Festival tem alteração no programa

de Reportagem Local

O 11º Videobrasil, principal festival de instalações, performances, CD-ROM e fotografia, sempre envolvendo a imagem eletrônica, teve uma alteração na sua programação da mostra competitiva.

O Centro Cultural São Paulo, que exibiria a mostra competitiva a partir das 20h, amanhã estará fechado.

Na sexta-feira, o evento acontecerá apenas no Sesc Pompéia, a partir das 19h30.

O Centro Cultural volta a exibir a mostra competitiva no sábado, a partir das 17h.

Hoje serão exibidos no Sesc Pompéia, a partir das 19h30, 11 vídeos na mostra competitiva, entre eles "13 Filhos", de Maria Oliveira e Maria Nohring, "Na Velocidade dos Mercúrios", de Elio Goldman e Caco Souza, e "Um Dia Bravo", do argentino Ivan Marinic.

No Centro Cultural estarão oito vídeos, a partir das 20h, entre eles, "Teach Me", de Rbanha Altzan Zastari, e a co-produção Argélia/França "Territoire", de Mabel Bensmail.

Multimídia

Fora de competição, o destaque de hoje é o lançamento do CD e a performance "Poesia é Risco", de Augusto de Campos, Cid Campos e Walter Silveira, às 22h, no teatro do Sesc Pompéia.

O poeta Augusto de Campos pretende unir imagem, som e palavra num espetáculo de poesia multimídia.

Enquanto Augusto lê os poemas, seu filho Cid Campos toca baixo e guitarra computadorizada, além de apresentar samples pré-grava-

dos em estúdio.

O videartista Walter Silveira mostra uma sequência de vídeos e slides sincronizados com a performance dos poemas e da música.

Monitorio

O 11º Videobrasil estará acontecendo até dia 17 de novembro, no Sesc Pompéia e no Centro Cultural São Paulo.

O evento terá monitorios para estudantes e público em geral. Eles falam sobre história da videarte, os artistas convidados e o funcionamento das videoinstalações, das 9h às 21h.

Quem estiver interessado em fazer uma visita monitorial às instalações deve agendar dia e horário ligando para o Sesc Pompéia, no telefone (011) 871-7700.

Eventos Iniciais Competitivos do Videobrasil

Quarta: até sábado, no Sesc Pompéia, às 19h30, e até domingo, às 20h, no Centro Cultural São Paulo

Quarta: Sesc Pompéia (p. Della, 93, Pompéia, região oeste de São Paulo, 0114871-7784 ou 071-7780) Centro Cultural São Paulo (p. Vergueiro, 1.090, Paschoa, região central, tel. 011/277-9611, renal 279)

Programação hoje, no Sesc Pompéia, às

19h30 "Inovada" (Brasil), "De Nela" (Argentina), "13 Filhos" (Brasil), "Ausência" (Argentina), "Desejo Meu" (Brasil), "Santa Laura" (Chile), "Vozes do Rio" (Brasil), "Vozes de Submarino" (Argentina), "Na Velocidade dos Mercúrios" (Brasil), "Um Dia Bravo" (Argentina), "Adios, America" (Brasil), no Centro Cultural São Paulo, às 20h: "Teach Me" (Brasil), "Tree Tiger" (Brasil), "Territoire" (Argélia/França), "The Edge of the Rain" (Argentina), "Sextour" (Brasil), "Museum" (Austria), "O Dia" (Brasil)

Programação do 11º Videobrasil

<p>11h - Apresentação "Teach Me", por Hans Fallenberg</p> <p>15h - Música informativa "Expansions of Presence" e "Performance auf Audienz", de Kate Handfield (EUA)</p> <p>17h30 - Música informativa Nam June Paik, "Nonesuagen"</p> <p>19h - Lançamento de "O Potencial Dialógico na Televisão", livro de Artur Marink</p> <p>19h30 - Videogramas: Mostra competitiva (programa 1)</p> <p>22h - Performance "Teach Me", com Augusto de Campos, Cid Campos e Walter Silveira</p>	<p>informativa "Investigations of the Phenomenal World: Space, Sound and Light", de Kate Handfield (EUA)</p> <p>17h30 - Música informativa "De Nela", de Peter Papes, e "Antespectiva Nam June Paik - Docu-artwork"</p> <p>19h30 - Videogramas: Mostra competitiva (programa 4)</p> <p>22h - Performance "Teach Me", de Marcondes Dourado</p>	<p>"Trançoes de Manteiga de Ades Santos e Paulo de S. Santos"</p> <p>17h30 - Música informativa "Expansions of Presence", por Kate Handfield (EUA)</p> <p>17h - Apresentação de CD-ROM por Mabel Bensmail</p> <p>19h - Videogramas: entrega dos prêmios e exibição dos vídeos vencedores da mostra competitiva</p>
<p>11h - Conferência e vídeo "Mickal Gilchrist & the TV Circuit: From Concept to Work", por Ian Durrant, 09h15-11h30</p> <p>15h - Apresentação de CD-ROM "Teach Me", por Augusto de Campos, Cid Campos e Walter Silveira</p> <p>17h30 - Música informativa "Teach Me", de Michael Madson</p> <p>19h30 - Videogramas: Mostra competitiva (programa 2)</p> <p>22h - Performance "Teach Me", por Hans Fallenberg</p>	<p>11h - Conferência TV e Arte - Memórias de Produção"</p> <p>15h - Música informativa "Approaching Familiar - There Are Problems To Be Solved", por Kate Handfield (EUA)</p> <p>17h - Apresentação de CD-ROM "Teach Me", de Augusto de Campos e Walter Silveira</p> <p>17h30 - Música informativa "Teach Me", de Michael Madson</p> <p>19h30 - Videogramas: Mostra competitiva (programa 3)</p> <p>22h - Performance "Teach Me", por Hans Fallenberg</p>	<p>17h30 - Música informativa "Teach Me", de Michael Madson</p> <p>19h30 - Videogramas: Mostra competitiva (programa 5)</p> <p>22h - Performance "Teach Me", por Hans Fallenberg</p>

Três brasileiros vencem festival multimídia

O baiano Marcondes Dourado, o paulista Carlos Nader e a mineira Patrícia Moran foram os primeiros colocados da mostra competitiva do 11º Videobrasil, que terminou domingo em São Paulo

BEATRIZ VELLOSO

Três brasileiros conquistaram os primeiros prêmios da mostra competitiva do 11º Festival Internacional Videobrasil, que terminou domingo. O baiano Marcondes Dourado, de 22 anos, foi o grande vencedor, com seu vídeo "Opodi (Ano 2000)" e a paulista Carlos Nader ficou em segundo lugar com "O Fim do Mundo" e a mineira Patrícia Moran foi a terceira colocada, com "Adios, América". A entrega dos troféus foi feita nesta manhã no Sesc Pompéia, na 1ª premiação do ministério da Cultura Flávia Welton.



Marcondes Dourado venceu Opodi Ano 2000 entre quatro obras de cinema, entre as quais se destacaram o vencedor em Salvador, Deus do Império (vídeo)

especial de cor e distinção e fez uma trilha sonora que mistura a batida forte da música popular com o som do sintetizador. É a crítica popular com o sentimento de videarte. Dourado também participou do 11º Videobrasil com a performance "Bardi", que usa a linguagem do vídeo à da dança da bailarina Sandra del Carmen — tudo inspirado em textos de Antonio Aranda.

Além dos três vencedores principais — que receberam, respectivamente, R\$ 6 mil, R\$ 4 mil e R\$ 2 mil —, o júri do festival fez ainda quatro menções honrosas. Hada (do brasileiro Boutique Galassia), Tevidio (TV) (co-produção Argélia/França, dirigida por Mabel Bensmail), O Momento A.F. (vídeo e Ar Tempo de Paulo) (Cao Hamburger, também brasileiro) e Mullig Out de Aquino (da australiana



O vídeo de Cao Hamburger: menção honrosa

Janez Menezes).

O júri foi formado por Doris Migon (curadora do Swedish Museum de Holsala, um dos mais importantes do mundo em arte de vídeo), Eddie Berg (curador do Video Festival, festival inglês), Eder Santos (videartista brasileiro), John Gillet (artista norte-



Dourado: primeiro lugar com "Opodi Ano 2000"

americano Artz Interest, de Nova York, e curadora da mostra especial dedicada ao videartista, o curador Nam June Paik no Videobrasil).

O público, que votou nos concorrentes da mostra competitiva por telefone durante a transmissão da programação

Carla Brasil, pela TVE do Rio, o vencedor Sic 2000 (do brasileiro residente no Canadá Bruno Alvaro Mendonça) com o melhor vídeo. E a paulista Liliane Tangenelli ganhou uma menção de destaque no vídeo "Bardi" (Estimada, de Paris — um vídeo "Bardi World" foi considerado o melhor traba-



do brasileiro em computação gráfica. Para os que preferiram a exibição da mostra competitiva, ainda há atrações do Videobrasil expostas no Sesc Pompéia (Rua Cláudio, 93, 01171-7784). As instalações de João Cardoso, Cao Hamburger, Mabel Bensmail e Ericka Tardas ficam no Centro de Convênios da até domingo, assim como a exposição "Photo in Progress, com fotos de Renato Cruz mostrando desde a montagem do festival até o último dia da mostra. A próxima edição do Videobrasil será em 1998.



O baiano Marcondes Dourado, vencedor do principal prêmio do 11º Videobrasil, anteontem, em São Paulo

FESTIVAL *“Ogodô Ano 2000”*, de Marcondes Dourado, foi o vencedor

Produção nacional monopoliza premiação do 11º Videobrasil

AMIR LABAKI
da Equipe de Articulistas

Cinco produções nacionais em vídeo arrebatarem os principais prêmios do 11º Videobrasil - Festival Internacional de Arte Eletrônica, encerrado anteontem à noite em São Paulo.

Três das cinco menções honrosas do júri oficial também foram atribuídas a vídeos brasileiros. É sobretudo como um estímulo à variedade que esse predomínio deve ser interpretado.

A sessão de premiados que sucedeu o anúncio dos prêmios esteve longe de empolgar, e seu progressivo esvaziamento foi a prova cabal disso.

O grande vencedor, *“Ogodô Ano 2000”*, do baiano Marcondes Dourado, reitera de forma pouco original a contemplação melancólica e estetizante do Carnaval.

Imagens captadas numa zona gay de Salvador na Quarta-Feira de Cinzas de 1995 são ralentadas e varridas horizontalmente por feixes coloridos.

A câmera lentamente percorre os corpos da cabeça aos pés, retornando aos rostos, captados em expressões que inequivocamente remetem ao belo ensaio fotográfico de Arthur Omar, *“Antropologia da Face Gloriosa”*.

Premiado em segundo lugar, *“O Fim da Viagem”*, de Carlos Nader, foi o ponto alto da noite. Uma viagem de um motorista de caminhão que transporta porcos é minuciosamente acompanhada.

O despertar em casa, a solidão na boléia, a cumplicidade dos companheiros de estrada, a crua entrega da carga, a volta ao lar sucedem-se sem apoteose.

Nader manipula os registros do documentário e da ficção e demonstra pleno controle narrativo.

O terceiro prêmio ficou com a irregular colagem cômica *“Adeus, América”*, de Patrícia Moran, que joga com a história do continente e estereótipos da colonização.

Já o inédito voto do público da TVE elegeu o voyeurismo em ritmo de zap de *“Sex 2000”*, em que Ricardo Afonso Mendonça pre-

tende ter desenvolvido um ensaio audiovisual foucaultiano sobre a sexualidade contemporânea.

“Sex 2000” recebeu 1.140 dos expressivos 6.353 votos por telefone.

Já o prêmio Aliança Francesa-INA (Instituto Nacional do Audiovisual), que oferece ao vencedor um estágio de desenvolvimento em computação gráfica na conceituada produtora francesa Ex-Machina, foi para Milenne Tanganeli, por *“Virtual World”*.

As menções honrosas foram concedidas aos vídeos *“Vada”*, de Henrique Goldman, *“Território(s)”*, de Malek Bensmail, *“15 Filhos”*, de Maria Oliveira e Marta Nehring, *“O Menino, a Favela e as Tampas de Panela”*, de Cao Hamburger, e *“Making Out in Japan”*, de Janet Merewether.

Os mais de 350 vídeos inscritos para o festival deste ano, incluindo os premiados e demais selecionados para a competição (69 no total), podem ser conferidos gratuitamente até domingo na videoteca montada no Sesc Pompéia (rua Clélia, 93, Pompéia).

VIDEOARTE 'Passagem de Mariana' foi criada pelo videomaker Éder Santos e pelo músico Paulo Santos, do grupo Uakti

Performance mostra os pecados capitais

FERRAÇO OLIVA da Redação

Éder Santos traduziu os pecados capitais em imagens. Paulo Santos, em poesia. A interpretação musical fica com Paulo Santos.



"Passagem de Mariana", vídeo-performance que acontece hoje no 11º Videobrasil, tem seis câmeras de vídeo, oito projetores, duas lentes de adição e nove músicos para interpretar os sete pecados capitais: luxúria, gula, inveja, cólera, preguiça, orgulho e ira.

Tudo acontece numa espécie de aléia, com os músicos tocando em seis tendas no estilo dos índios apácuas, norte-americanos. Dentro de cada tenda, câmeras de vídeo abastecem as lentes de edição do videomaker Éder Santos. Com iluminação interna, cria-se um efeito de sombras chinesas. E grandes silêncios, dos instrumentistas são vistos pelo público.

Paulo Santos, do grupo musical Uakti, cria sete movimentos musicais de quatro minutos cada, um para cada pecado.

Esquente a banda — trombone, teclado, bateria, baixo, percussão e quatro vocais — Uakti, Éder edita suas imagens e projeta nas paredes

Programação

- 11h - Conferência "TV e Arte - Mercadinho de Produção"
- 11h - Mostra informativa "Quatro-linguagem - There Are Problems to be Solved", por Kate Horsfield (UK)
- 17h - Apresentação do CD-ROM "Desejos e Medos", de Gisele Diniz e Fábio Inácio
- 19h30 - Mostra informativa "Set You Later - 30 Artists and TV", de Michael Shapiro
- 19h30 - Vídeoinstalamento competitivo (programa 5)
- 22h - Performance "Passagem de Mariana", de Éder Santos e Paulo dos Santos

ENTREVISTA

- 11h - Mostra informativa "London Conference", por Kate Horsfield (UK)
- 17h - Apresentação do CD-ROM por Michael Shapiro
- 19h - Vídeoinstalamento dos primeiros vídeos de vídeo-competição

Local: São Francisco de Orla, 91, Pompeia, tel. 011-371-7788

de para dar trabalho, falando com as silhuetas dos músicos. "Forma-se um acampamento de

imagens", explica Éder.

De vez que a poetisa Sandra Penn fez baseado na música de Paulo Santos apresenta num telão de cinco metros de altura. "Meu coração se fecha de rubor volúpia e vergonha: ovelha que deseja lobo", é o texto de Penn para o pecado da gula. A imagem será apresentada como "alma armada em grêmios, olhos brancos e corpo, pupila que não dilata".

Para a preguiça: "Fecha os olhos e vejo a cor das minhas pálpebras", diz: "Ando tocando maracas. Não como Freud que eu não sou desmancho de noite".

Os 30 minutos de "Passagem de Mariana" só foram apresentados uma vez, em Belo Horizonte. O nome foi escolhido por Éder Santos, inspirado num vilarejo entre as cidades de Ouro Preto e Mariana, em Minas Gerais. A relação entre a poezia, vídeo e a performance de hoje? "Foi a lococri... não dá para explicar direito", diz Éder.

Esta não é a primeira vez que a parceria Éder e Paulo Santos rende uma produção quando vídeo. Em 1990, no 8º Videobrasil, foram premiados com "Não Vou à África Porque Tenho Planeta". Na última edição do evento, mostraram "Pescadõessem".

Desejos e Medos
Outro destaque da programação de hoje no Videobrasil é a apresen-

tação do CD-ROM "Desejos e Medos", feito em Paris por Gisele Diniz e Fábio Inácio.

O CD trabalha com depoimentos colhidos em vídeo no metrô parisiense. Dançarino e Inácio abor-

dram cerca de 250 pessoas com as perguntas "Qual seu maior medo?" e "Qual seu maior desejo na vida?". As imagens do CD-ROM serão projetadas nas telas.

Performance Passagem de Mariana
Quarta-feira, 16/11
CD-ROM Desejos e Medos
Quarta-feira, 16/11
Local: São Francisco de Orla, 91, tel. 011-371-7788



Éder Santos, videomaker que apresenta hoje a performance "Passagem de Mariana", no 11º Videobrasil

A VIDEOARTE FAZ 30 ANOS

O 11º Festival Internacional Videobrasil, ocorrido de 12 a 17 de novembro, faz homenagem ao artista multimídia Nam June Paik

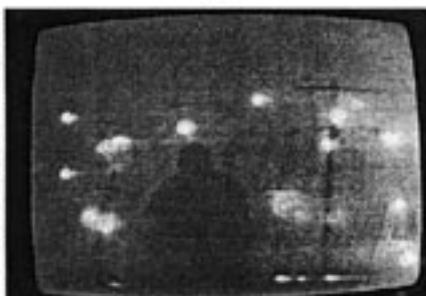


Ele já fez uma família de robôs congestionarem o trânsito de Nova York, uma o planeta via satélite com o vídeo *Good Morning, Mr. Orwell*, em 1964, criou uma bizarra combinação de pianos, máquinas de fazer burrinhos, duas velhas televisões com a preciosa participação do artista plástico Joseph Beuys tocando piano, com um machado. Um dos artistas do movimento antiápcico, pós-dadaísta *Fluxus*, o sul-coreano naturalizado americano, Nam June Paik, é reconhecido como o principal responsável pelo estabelecimento do vídeo como uma nova forma de arte. Pioneiro da videoarte, desde os anos 60 Paik vem usando a tecnologia para desmistificá-la e humanizá-la.

Dezembro 96

21

O 11º Festival Internacional Videobrasil, que acontece de 12 a 17 de novembro, no Sesc Pompéia, teve como tema a videoarte e Nam June Paik, o grande homenageado. Considerado um dos principais eventos de mídia eletrônica e artes, o Festival oferece uma gama variada de atrações nacionais e internacionais, com instalações, performances, palestras, concertos de CD-ROM e sessões de vídeo.



Desde que criou um evento internacional, em 1971, mudou de formato e, consequentemente, de características. O Festival deixou de ser apenas de vídeo para se transformar num espaço mais amplo de arte eletrônica.

O objetivo do evento, segundo o curador Selanga Furtado, é muito claro, ele não só é um difusor, quanto estimula para esta expressão artística que existe há 30 anos e compõe o mercado de arte, como a pintura e a escultura. "Na verdade, o Festival é uma oficina de criação. É aqui que você pode ser autêntico com as técnicas tecnológicas, com os conceitos sociais, estéticos. O artista precisa desses estímulos e o Videobrasil se permite ter esse espaço", diz o curador.

A intenção de Videobrasil é colocar o artista em contato com o circuito de difusão dessas obras, funcionando como um mercado informal. O Jôri é pensado e composto em função desta estratégia. Foram escolhidos poucos espaços de realizar as obras, mas muito mais do que isso, são pessoas que eventualmente possam levar estas obras para o circuito internacional.

Para compor o Jôri foram chamados: Loui Zipoy, diretora executiva do Fórum de Arte Interativa (FAI), centro de artes e mídia de Nova York, conhecido como o primeiro e mais importante distribuidor de obras de

Ferres deu vídeo de mostra competitiva (artista australiano Guillermo Urbano, de Marina Abramovic, (artista holandesa), Jolanda Rotundo, de Guillermo Cifuentes

videoarte. Alan Burrows, diretor e produtor de programas de rádio na emissora Europe 1, responsável pela programação de produções de curta-metragem na emissora de TV Canal Plus, John Gillen, reconhecido pela variedade de formatos e linguagens que utiliza em suas criações, com uma extensa videografia, recebeu prêmios significativos, como a "Menção Especial" no Festival de Vídeo de Nova York, em 1994; Eder Sampa, um dos nomes mais respeitadas do circuito nacional, com amplo reconhecimento no exterior e Diego Lascaris, autor de uma ampla videografia, com uma dezena de produções reconhecidas internacionalmente.



Incorporaram-se 350 trabalhos e deles apenas 50 foram selecionados para a mostra competitiva, que mobiliza o público e estimula em competições de lançamento no Paralelamente, a mostra informativa expõe importantes trabalhos que foram escolhidos na área de videoarte, no Sesc Pompéia e no Centro Cultural São Paulo.

Instalações

As salas do Sesc Pompéia e do Sesc Cultural São Paulo, as instalações foram agradavelmente disputadas. Segundo Mario Celso, secretário responsável pela programação do evento, conviver um projeto desse porte não é nada fácil, mas obteve a uma boa organização que é dar espaço ao artista sem interferir na sua criação. "Meu trabalho é fazer com que cada esse espaço seja coerente à linguagem dos artistas", diz o secretário.

Pela primeira vez no Brasil, Nam June Paik teve uma retrospectiva de seu trabalho. Grande atraição do Festival, Paik preparou novas versões das famosas *TV Sets* e *TV Sets* para o Festival brasileiro, mas ainda sobreviveram presentes *TV Set* e *TV Sets*. Na versão "nacional" de *TV Sets*, Paik utilizou plantas brasileiras para compor seu jardim, e no *TV Set*, o representante californiano de Eada foi um proto-vilão sentado na posição de Jôri.

Os trabalhos apresentados no Videobrasil tiveram bem a evolução de artistas, foram divididos em três temas: *Colagem*, *Homage* e *Desconstrução*. Em *Colagem*, os trabalhos revelam uma mistura singular e reflete que Paik fez de elementos diversos, como vinhetas da cultura pop, imagens de TV, entre outros, criando espaços de *Homage* é uma série de obras que criou em par-

teira para homenagear artistas que foram influentes em seu trabalho. O tema seguinte apresenta trabalhos de artistas que se dedicaram à como performer e artista.

Em sua obra multimídia, Paik com a simplicidade oriental para o vídeo, o vídeo e a simplicidade do vídeo a combinação de imagens de arte e comunicação de massa, utilizou a mais avançada tecnologia da época. Em suas instalações e performances, trabalhou sempre de modo dinâmico, ele utilizou a TV de um seu idioma, além de arte feita com o emprego de computadores, um sofisticado sistema visual, provocando as mudanças decorrentes do vídeo. Em *TV Sets*, por exemplo, Paik simplesmente colocou uma máquina de lavar roupa à frente, as máquinas elétricas a água. De seja, se espantou e o próprio Paik criou vídeo simplesmente a partir da máquina de lavar.

O francês Michel Laffont, grande ícone da videoarte internacional, criou o vídeo, ainda inédito, *Paik e Lobo*. Criado a partir da música de *Beethoven*, esta é uma versão teatralmente infomatizada. O público não teve acesso, na sua instalação, a *Paik e Lobo*, mas a *Paik e Lobo*, em que o vídeo apresenta sua primeira performance *Le Ficus de Pinaud*, feito há 16 anos, a obra de arte optou um personagem que joga uma bola que percorre uma trilha, ad libitum e novamente à sua vida.

Kiyoko Tsukida trouxe do Japão o vídeo *Comer Raye*, em que dois amigos se misturam à música e ao ar. De Brasil, foram convidados João João e Cam Hamburguer.

Em Curitiba começou sua carreira Festival de 94, e de lá para cá seu trabalho de videoarte evoluiu. Na sua mais recente instalação, trata-se de uma relação íntima com o público. "Este trabalho é uma proposta completa e humana. Acho que hoje, a arte é grandemente trabalhada com temas tão íntimos e, lá atrás, ela se afasta dos conteúdos emocionais. Acho



Se eles não tivessem visto Paik, de Eder Sampa, O Cu, de Loui Zipoy e de Nam June Paik, de Eduardo Albuquerque Brasil

que é importante um pouco disso saber."

Com Hamburguer foi desafiado pela direção do Festival a realizar sua primeira instalação para o evento. Com ainda convidou os artistas plásticos Vera Barros e Pedro Bannack para participação de criação de sua instalação tecnológica.

A série de vídeo *Zor* "Zor Inter" com que as crianças poderiam, brincando com os animais, sempre e experimentar como funciona a linguagem do

vídeo. A reflexão que as crianças atualmente têm com a televisão é positiva e assustadora, tenta instigá-las elas podem entender um pouco melhor essa linguagem e adquirir uma postura mais crítica em relação ao que elas estão vendo.

Sets monitores foram colocados à disposição das crianças e expõem mais detalhadamente o que era um pouco de vídeo, que a luz pode dar uma sensação de dimensão a uma obra de arte. Elas podem, inclusive, realizar trabalhos em grupo. "A intenção é que as crianças tenham uma relação mais crítica e entendam que além de uma imagem existe um artista, um trabalho", explica Vera Barros.

Performances

A instalação e a performance são duas das mais fortes experiências do vídeo. Por isso, nos anos, Selanga Furtado dedicou um grande espaço para essas atividades. A coreógrafa canadense Isabelle Choinière, com o vídeo

Le Partage des Pas 2, e o músico Marcos Donato, com *Barba*, apresentaram trabalhos que mesclaram dança e vídeo. Augusto de Campos, Cid Campos e Walter Silveira realizaram *Passo e Passo*, uma mistura de poemas, poemas e música. O músico Eder Sampa fez, com o grupo Ueki, *Passagem de Mariana*.

Outro programa interessante foi a mostra informativa. Nela, apresentaram-se trabalhos de vários países do mundo. Entre eles, a eslovena Olivera de Jaf, com mais de quatro horas de filmes e vídeos self-americanos.

Nesta Rubric Imagética, Selanga Furtado mostrou algumas tendências. "Pela primeira vez recebemos muitos vídeos que falam sobre a sexualidade. A guerra também aparece, principalmente nos trabalhos de Libano e da Bielorrússia, mas de maneira mais poética", diz o curador. A fase de desdobramento com os recursos tecnológicos raramente acontece. Muitos vídeos, este ano, foram a própria tecnologia à alta tecnologia. Recebendo novamente Nam June Paik, ele chegou a dizer: "É preciso conhecer a tecnologia o bastante para subvertê-la, para humanizá-la".

Videobrasil apresenta o premiado 'Trovoada'

Filme de Carlos Nader será exibido amanhã no Centro Cultural, dentro da mostra competitiva

CARLA VIGAR
Espalpa para o Estado

Hoje e amanhã são os últimos dias para o público ajudar na escolha dos melhores vídeos competitivos do 11º Festival Internacional Videobrasil, de 1996 no Sesc Pompéia. O evento tem apoio do Estado. Os vídeos que passaram ontem no Sesc serão reexibidos amanhã às 17 horas, no Centro Cultural São Paulo, e os de hoje do Sesc, às 20 horas de amanhã, também no Centro Cultural. Os vencedores da mostra competitiva receberão as primeiras divulgações, às 15 horas, depois do Videopalma e da exibição das premiações.

Hoje, às 20h30, os canais de televisão alemã alemã (ARD) e austríaca (ORF) exibirão ao vivo com dois momentos do Videobrasil. A ZKM, Zentrum für Kunst und Medienforschung de Karlsruhe, na Alemanha, selecionou o videomaker Carlos Nader para mostrar o segundo mais importante prêmio da instituição: o de produção. Isso significa que, além de sua qualidade em diálogo, Nader poderá gravar um vídeo naquele país.

Segundo Rodrigo Parkes, responsável pela indicação de vídeos da América Latina, o Prêmio Internacional de Vídeo da ZKM é o mais importante da atualidade. Há uma seleção prévia que escolhe 40 obras entre as votações. Os brasileiros recentemente entraram nessa lista, e Carlos entrou e já ganhou, comenta o curador. Trovoada, o vídeo brasileiro vencedor, poderá ser visto na mostra do Videobrasil no Centro Cultural, amanhã, às 17 horas.

Filçado em 16-8, Trovoada tem 17 minutos e é um forte concorrente para a mostra competitiva do Videobrasil. Nader explica que esse é o vídeo mais pessoal que já fez. Anteriormente a trabalhar com produções grandes e documentais, diz ter sido uma experiência interessante trabalhar sozinho. "Eu apenas eu e a câmera." Ele foi roteirista do Brasil Legal da Rede Globo e diretor do documentário O Beijo-queimado.

"Um documentário tem sempre um tema central e o desenvolvimento gira em torno desse tema", explica o diretor. Trovoada desenvolve-se como uma linha de pensamento associativa. Uma ideia passa a outra a um ponto compreensível e mais importante. "O vídeo só é desfeito por ele mesmo, por ser um relato sobre uma sensação única."

Essa atenção marca momentos de várias pessoas sobre a vida de tempo. Em vez de ter personagens, Nader fez um ensaio para não ter ação forte. São ritmos de personalidades que se conectam



'Trovoada', de Carlos Nader, premiado pela ZKM da Alemanha: diálogo e granações na Europa

entre elementos estáticos montando um ritmo labíntico. A obra surge quando do estado notando um documentário que, involuntariamente, era sobre videomaker. Ele estava entrevistando Bill Viola, impedido artista americano, sentado no banco do Cristo Redentor no Rio. O Centro Cultural Banco do Brasil aguarda uma tribunação sobre Viola e convidou Nader para gravar *Silence of Eternity* em março deste ano.

A entrevista tinha muito material do que foi utilizado e as ocorrências sobre as atividades dos dois diretores aparecem em Trovoada. "Documentários que temo o mesmo tipo de estrutura. A imaginação Ovídio de São Paulo de São Paulo, do orientalista Basilio Henri Cortez", comenta. Ambos gostam de pessoas que imaginam e a observação da paisagem funcionam da mesma forma. A meditação que uma pessoa observa uma paisagem ela também a está criando. "O legal é que estamos notando da vida mais bonita do mundo", referindo-se à paisagem do Corcovado.

Outros trechos mostram o poeta e letrada Wally Salazar durante a festa de lançamento em fevereiro, em Salvador. O traço das pessoas na praia prenheira trazido para outra era, um outro lugar. O filósofo Antônio Cícero escrevia O Mundo desde o Plo, quando Nader o filmou. "O livro, baseado numa filosofia de lógica bem ocidental, no fundo, trata algumas ideias de São Paulo", explica o videomaker. Cícero pensa a morte como uma imagem literária e conecta com a afirmação existencialista de que o ser humano vive para a morte. Ao contrário de uma interpretação negativa, se o homem tem um fim determinado, está livre para



O diretor Carlos Nader: ex-roteirista de 'Brasil Legal', da TV Globo

decide todos os outros fins.

Carlos Veloso participou cantando Minnie Service *Invited to Marry*. Ele não viu na praia e acabou descendo do metro para tomar café. Mas a música principal de Trovoada é uma música de viagem, cantada no Norte para chamar chuva.

Trovoada termina com uma cena inesperada. Um bebê recém-nascido chega todo ao redor. São as primeiras pessoas para a percepção da complexidade das conexões sensoriais anteriormente. Nader afirma não haver uma preocupação com a produção e lembra de Fernando Pessoa: "Ninguém é perfeito, viver não é perfeito, fazer Trovoada também não é perfeito."



'O Castelo', de Elio de Azevedo: exibição hoje dentro da mostra competitiva



Cena de 'Inflamável': filme australiano do videomaker Lina Alexander



Cena do vídeo 'Vida': co-produção entre Inglaterra, Angola e Brasil



'As Aventuras de Bênis': realização dos brasileiros Rui Amaral e Cecília Esteves

SERVIÇO

Filmes de Carlos Nader no 11º Videobrasil

O fim da Vingança, hoje, a partir das 19h30, no Sesc Pompéia (Rua Chile, 92, ☎071-7700) e amanhã, às 20 horas, no Centro Cultural São Paulo (Rua Vergueiro, 1.000, ☎277-3811)
Trovoada, amanhã, às 17 horas, no Centro Cultural São Paulo (R. Vergueiro, 1.000, ☎277-3811)

Confira a programação do 11º Videobrasil, hoje, às 11 horas (auditório), conjuntamente com a mostra histórica The Beatles, McLuhan & The TV Cell: Os Primeiros Vídeos de Paul, de Lori Zippag; às 15 horas, (auditório), apresentação de CD-ROM

European Media Arts Festival, de Hermann Nitsing; às 17 horas (auditório), mostra informativa Investigations of the Phenomenal World - Space, Sound and Light, de Kate Hovlyford, Vídeo Data Bank; às 17h30 (no teatro), mostra informativa Do It, de Peter Peyer; e Retrospectiva Nam June Paik Documental; às 19h30 (no teatro), vídeojornal e Mostra Competitiva 1; às 22 horas (teatro), performance Bando, de Marcelino Donato.

Amazônia, às 17 horas (no auditório), Conferência e Arte - Merações de Produção; às 15 horas (auditório), mostra informativa Approaching Narrative - There Are Problems To be Solved, de Kate Hovlyford; às 17h (auditório), apresentação CD-ROM Danças e Músicas, de Glória Domitilla e Fábio Siqueira; às 17h30 (no teatro), mostra informativa See You Later - I'll Anticipate and TV, de Michael Mautner; às 19h30 (auditório), vídeojornal e Mostra Competitiva 2; às 22 horas (teatro), performance Passagem de Mariana, de Eder Souto e Paulo dos Santos

Domingo, às 15 horas (no auditório), mostra informativa Gendered Conversations, de Kate Hovlyford; às 17 horas (auditório), apresentação de CD-ROM de Michael Mautner, London Electronic Arts And Performance Festival; às 19 horas (no teatro), vídeojornal, entrega de prêmios e exibição de vídeos vencedores da mostra competitiva. Confira: Sesc Pompéia (R. Chile, 92, ☎071-7700). Até domingo



PROJETO
ESTADAO
CULTURA

VIDEOBRASIL VIRA PROGRAMA LEGAL

Festival termina domingo com a premiação dos vencedores e atrai público infantil

Adultos e crianças têm uma boa opção de programação para este fim de semana: o 11º Videobrasil — Festival Internacional de Arte Eletrônica —, aberto na última terça-feira, que expõe até domingo, no Sesc Pompéia e no Centro Cultural São Paulo, trabalhos experimentais realizados em vídeo.

Artistas de 69 países do mundo inteiro participam da Mostra Competitiva — entre eles, 36 brasileiros — que reúne produções nos gêneros de documentário, ficção, vídeoarte, animação e experimental, sem limite de duração ou formato. Domingo acontece a premiação e exibição dos trabalhos selecionados, no auditório do Sesc. Além do prêmio oferecido pelos jurados, haverá um outro, escolhido pelo público que, no final de semana, poderá votar no melhor vídeo da mostra.

A edição deste ano do Videobrasil traz cinco instalações: *Daragdy*, da brasileira Inês Cardoso, *Le Flein de Plumes*, do francês Michel Jafferrenou, a *Vídeo Zoo*, do premiado diretor Cao Hamburger, do programa infantil *Carnêio Rô-Tim-Bum*, *Luminous Cosmic Rays*, do japonês Keiichi Tanaka, e *Waiting for the 22nd Century*, que reúne os trabalhos



A instalação *Vídeo Zoo*, de Cao Hamburger, preferida das crianças: "Muito divertida", segundo o garoto Alan (acima)

TV Budka, *TV Fish*, *TV Garden* e *TV Moon*, do papa da vídeoarte, o coreano radicado nos EUA e homenageado da exposição Nam June Paik.

Há ainda eventos paralelos. Uma videoteca instalada no Sesc exibe todos os vídeos do festival e conta com seis monitores, cada um com lugar para

duas pessoas, e fones de ouvido. É só chegar e pedir o trabalho.

O *Cafê Eletrônico* é outra atração e atende aos que querem navegar pela Internet, nos computadores instalados na recepção. Um *videojornal* é outro serviço oferecido pelo evento. Ele traz informações, entrevistas, imagens da mostra competitiva e

tudo sobre o Videobrasil.

Além disso, debates, palestras, performances e apresentações de CD-ROM sobre as tendências da arte eletrônica estarão sendo realizadas durante o evento, no auditório do Sesc. Uma equipe de 25 monitores, preparados para informar o público sobre a história da vídeoarte, como funcionam as instalações e sobre artistas convidados, orientam os visitantes.

Para o público infantil, a maior atração fica com a instalação de Cao Hamburger, *Vídeo Zoo*. Ela traz cenário — criado por ele e por Vera Barros e Carlos Barnack — em que animais são utilizados como suporte para câmeras e monitores. Toda a instalação promove interação entre o público e os aparelhos de tevê, as imagens e os vídeos.

Os irmãos Monique Dephaye Bianquene, 13 anos, e Patrique Alexandre Bianquene aproveitaram para se ver na tela e selecionar imagens para aparecer no vídeo. "Aqui é muito legal porque dá pra brincar bastante com tudo isso", conta Monique. Alan Ferreira do Nascimento confessa: "Estava passando aqui no Sesc para fazer uma pesquisa da escola. Acabei entrando e fiquei. Essa instalação é muito divertida."

Os pais que

acompanham os filhos até o Sesc não resistem às cores fortes, ao ambiente propício a liberar a imaginação e também acabam interagindo na instalação de Hamburger. Para a professora Ednei Soares Alves, que levou o filho Marcos, de 4 anos, para o Sesc, "o trabalho é muito interessante".

Outros destaques da exposição podem ser conferidos nas instalações do homenageado Nam June Paik, *Waiting for the 22nd Century*, que reúne quatro trabalhos diferentes no mesmo ambiente, e a de Keiichi Tanaka, *Luminous Cosmic Rays*, reprodução do efeito visual e sonoro dos raios solares.

Mariana Castro

11º Videobrasil — Mostra Competitiva: Sesc Pompéia (R. Celso, 93. Tel.: 871-7784 e 871-7780) e Centro Cultural São Paulo (R. Vergueiro, 1000. Tel.: 277-3611). Até domingo. Instalações no Sesc Pompéia, até dia 24. Das 9h às 21h.



Casal na exposição: programa interativo

VIDEOBRASIL "See You Later", destaque da programação de amanhã, traz trabalhos da mais recente geração de videomakers do Reino Unido

Nova onda inglesa do vídeo chega a SP

de Reportagem Local

"See You Later", a mostra de vídeos ingleses destaque de amanhã na programação do 11º Videobrasil, é a prova de que a linguagem do vídeo ainda pode ser revolucionária e irreverente.

Quem vai estar apresentando esse canal é o francês Michael Mazière, diretor do London Electronic Arts, que chegou ontem ao Brasil. Ele selecionou para o evento 10 obras que representam a nova geração de artistas ingleses que encicra o vídeo em seus trabalhos. A novidade começa pelo nome da mostra, "See You Later" (Vejo você mais tarde). Todas as obras fogem do formato tradicional de

TV e, ao mesmo tempo, todas os foram ou irão ao ar. "São que em um horário alternativo, em geral muito tarde. Então são vídeos para ver mais tarde", afirmou Mazière em entrevista à Folha.

Os artistas dessa "nova onda" inglesa encontraram naturalmente uma nova forma de expressão com vídeo que foi bem-vinda tanto nas galerias de arte como nos festivais de cinema e vídeo.

O impacto com o público é imenso, afirma Mazière. Mesmo assim, os artistas encontram resistência para exibir seus trabalhos em emissoras de TV. "Em geral apenas a BBC 2 e a Channel 4 veiculam, em horários pouco convencionais."

Seu critério para a seleção dos trabalhos foi escolher os artistas que são os mais importantes no momento na Inglaterra. "É um programa que mostra diferentes formas que os artistas de hoje têm de fazer intervenção na televisão."

O conteúdo varia do formato documental à performance teatral em imagens "low tech", ou seja, sem alta definição. "Definitivamente estes filmes não são o que estamos acostumados a ver na TV. O que os artistas aproveitam de bom da TV é seu imediatismo."

Os trabalhos são muito diversos, segundo ele. Sua idéia era trazer obras de jovens artistas que trabalham não só com vídeo, mas também com instalações, pinturas, es-

culturas e também com cinema.

"See You Later" é composto de dois programas. O primeiro, a ser exibido amanhã, às 17h30, no Sesc Pompéia, traz 13 curtas-metragens e tem duração de 1h34. O segundo será a mostra dos quatro CD-ROM selecionados por Mazière, que será mostrado no domingo, às 17h, no auditório do Sesc Pompéia.

Entre os curtas está "Remember Me", do próprio Mazière, que vai ser exibido no Channel 4 em 1997. "O filme dura dez minutos e trata do sentimento da perda e da nostalgia que a morte traz contado de forma poética", disse.

(DANIELA ROCHA)

Evento: 11º Videobrasil

Programa: See You Later - 13 curtas de artistas ingleses

Quando: amanhã e domingo, às 17h30

Onde: teatro do Sesc Pompéia Jr. Gália, 93, Pompéia, São Paulo, tel. 011/871-7784



Videarte da nova geração de produtores ingleses, tema da mostra "See You Later" de curtas-metragens

Vídeo premiado na Alemanha será exibido hoje na TVE

Caetano Veloso e Waly Salomão divagam sobre o tempo em 'Trovoada'

Antonio Carlos Miguel

Ganhador, na Alemanha, do Internationaler Videokunstpreis, principal prêmio para o gênero no mundo, o vídeo "Trovoada", de Carlos Nader, será exibido hoje na TVE — às 22h30m, no programa "Curta Brasil especial".

Dirigido, fotografado e produzido por Nader — que, hoje, na Alemanha, está participando da cerimônia de entrega dos prêmios — "Trovoada" conta com participações de Caetano Veloso, dos poetas Waly Salomão e Antonio Cleero e do videomaker americano Bill Viola. Filmado em três diferentes locações — em Salvador, na festa de Iemanjá (no dia 2 de fevereiro), no Rio e numa instalação de arte em São Paulo — "Trovoada" pode ser definido, segundo o autor, como "um documentário sobre uma sensação".

— Trata-se de uma linguagem híbrida — explica Nader. — Os documentários costumam ter uma linguagem concêntrica, dando voltas em torno de um tema. Enquanto o vídeo parte de uma idéia associativa, sobre o conceito do tempo, funcionando à deriva, como a mente humana.

Escurecimento é usada na estrutura narrativa do vídeo

Com 17 minutos de duração, filmado em preto e branco, "Trovoada" abusa da tela escura, reproduzindo o efeito dos raios de uma tempestade na noite.

— Eu trabalhava na produção e ainda não tinha um nome, mas, um dia, na praia, comecei a tropejar e caí um raio a três metros de onde eu estava — lembra Nader.

Um dos participantes, Waly Salomão comenta o conceito:

— A idéia de um documentário não linear foi o que mais me atraiu — diz Salomão.

Ex-roteirista dos programas "Brasil legal" e "Programa legal", da Rede Globo, Carlos Nader trabalha com vídeo há seis anos. Um dos seus primeiros trabalhos, em 1992, o documentário sobre o Beljoqueiro — "Portrait of a serial kisser" — foi exibido e ganhou prêmios em diversos países europeus, no Japão e nos EUA. Amanhã, a TVE exibe outro vídeo premiado do diretor, "O fim da viagem" (que, em agosto deste ano, ganhou o Prêmio Especial do Juri do Rio Cine Festival).

O prêmio recebido na Alemanha por "Trovoada" dá direito à produção de um novo vídeo, que Nader realiza ano que vem, na sede do Centro de Arte e Tecnologia de Midia (ZKM) da Universidade de Karlsruhe. No momento, ele trabalha nos roteiros de dois longas: a estréia em ficção da diretora Sandra Kogut e um documentário sobre realidade virtual. ■

Videobrasil vai esquentar cena paulista



"Bardo", a Videobrasil com a dançarina Sandra dal Carmen, que estará no 11º Festival Internacional Videobrasil (FIV), entre 12 e 17 de novembro



Décima primeira edição do festival reunirá em São Paulo melhor do vídeo, mês que vem

Cinética Lassa

Dedicado à exibição e análise da produção experimental de vídeo, o Festival Internacional Videobrasil, em sua 11ª edição, está previsto para acontecer entre os dias 12 e 17 de novembro, no Guarapiranga - São Paulo.

O evento, que traz ao país as principais tendências

nos países e seminários. O Videobrasil, cuja curadoria e direção é assinada por Esteleng Farkas, funciona como uma espécie de catalisador da produção de vídeo no Brasil, revelando talentos e estimulando o conhecimento sobre o meio. O intercâmbio cultural é feito através de workshops, palestras e cursos realizados por representantes das mais importantes emissoras que abrem espaço para a produção experimental.

No quadro das produções performáticas, on-line de toda a parte do mundo, destaca-se este ano para a Itália, representada por Marcondes Dourado. O artista mostra "Bardo", um trabalho que usa vídeo, dança, teatro e teatro inspirado em "Luzúria e a magia negra". Os acontecimentos aéreos e O Brasil é a criação de Antonio Assis.

Nelles, o autor descreve sensações vividas durante sua estadia em clínicas psiquiátricas. No espetáculo criado por Marcondes, a bailarina Sandra dal Carmen dança sua nuca sobre o porco de alumínio chaves de água e fios de cabelo.

Outra performance do programa tem o título de "Passagem de Mariana", um espetáculo multimedial inspirado nos sete pecados capitais e apresentado pelo grupo Uakti e o diretor Paulo Santos. Possui o risco também referir-se a um trabalho multimedial que reúne a prática de leitura de poemas de Augusto de Campos e de

outros autores como Rombald. Será acompanhado por Gid Campes (balão e guitarra) e de paybacks, projeção de vídeo e slides feitos pelo artista Walter Siqueira.

Já o coreógrafo canadense Basille Chouhara traz o multimedial "Le partage des passés". Há, ali, tecnologia e dança para criar novas realidades, com o objetivo de captar o processo de transformação do corpo real em sinal magnético. Em síntese, a performance procura investigar como estão conectadas a representação, a presença e a simulação, dividindo-se em três níveis: realidade, vídeo e computador.

O festival, tão como o maior evento da América do Sul, tem como realidades o São Paulo e a Associação Cultural Videobrasil, criada há quatro anos. Esta última, além de organizar o Videobrasil, tem a preocupação de documentar, distribuir e difundir o vídeo em todas as regiões que se ligam à arte.

Para tanto, a entidade vem trabalhando para criar um espaço permanente que reúna a produção independente de vídeos experimentais e de arte e que possibilite o encontro entre artistas, curadores e o público.

É só em circunstâncias como estas que o italiano Marcondes Dourado e outros artistas principiantes têm a chance de expandir sua arte. Assim, o rapaz tem feito muito de sua competência, além de ter sido premiado recentemente na Bienal do Rio de Janeiro, foi selecionado, juntamente com o artista Marega, pela Folha de São Paulo e Anteafrica, para participar de Anteafrica Artes com a Folha (mostra paralela à Bienal paulista).



Marcondes Dourado novamente é destaque

revelando várias gerações de artistas e, dessa vez, aponta no cenário nacional um nome italiano: Marcondes Dourado. O 11º Videobrasil, um evento bienal desde 82, celebra este ano em sua programação vinte anos de videarte com uma homenagem ao coreano Nam June Paik, um de seus maiores expoentes. Ainda dentro da programação, incluem-se uma mostra competitiva, diversas mostras paralelas de vídeos e filmes, performances, espetáculos, videoinstalações (estas abertas até dia 24 de novembro), exposição de fo-

VIDEOBRASIL

ABERTURA LOTA SESC POMPÉIA

Instalação de Cao Hamburger foi uma das atrações mais visitadas

O 11º Festival Internacional Videobrasil começou anteontem com muito público e alguns imprevistos. As instalações dos artistas convidados atraíram crianças e adultos na área de convivência do Sesc Pompéia, desde as 19h. A instalação *Video Zoo*, de Cao Hamburger, foi uma das mais visitadas, principalmente por jovens casais e crianças, seu público-alvo. Trata-se de uma Arca de Noé vermelha com muitos animais dentro. Cada um deles se relaciona com monitores de vídeo e interage com o visitante, convidando-o a atividades diferentes.

As salas de Nam June Paik e de Keiichi Tanaka transportavam o visitante para um lugar calmo e contemplativo, diferente da festa fora delas. A instalação de Inês Cardoso estava fechada às 20h30. Os seis terminais de computado-

res do café eletrônico foram visitados por interessados em navegar pela Internet.

A violinista Steina Vasulka e o músico Stephen Vitiello apresentaram a performance *Video Opera for Paik* no teatro. O espaço estava lotado. Só convidados, artistas e organizadores podiam entrar. Sérgio Pereira veio direto do Rio de Janeiro e não conseguiu ver a performance. "Estou tentando na maior educação, teve um garoto que acabou de agredir o guarda e bater a porta", disse o carioca.

Dentro do teatro, o videojornal homenageou o coreano Nam June Paik, pioneiro da videoarte. Logo depois começou a exibição dos vídeos da mostra competitiva. O público festejou principalmente dois dos vídeos brasileiros: *Destino*, de Guilherme Cavalcanti, e *The Bodymen Lost in Heaven*, de

Luiz Duva. A mostra revelou bons concorrentes, como *Jinetes/De la Guarda*, do argentino Gonzalo Pampin, e *D-Void*, de Michelle Manrer e Alan Schacher, da Austrália.

Hoje, amanhã e sábado são os últimos dias para o público ajudar na escolha dos melhores vídeos competitivos do Videobrasil, com exibições às 19h30 no Sesc Pompéia (Rua Clélia, 93, tel.: 871-7700). Os vídeos serão reprisados às 20h do dia seguinte no Centro Cultural São Paulo (Rua Vergueiro, 1.000, tel.: 277-3611). Na sexta-feira o Centro Cultural estará fechado e, portanto, no sábado haverá uma sessão às 17h e outra às 20h. Os vencedores da mostra competitiva receberão os prêmios no domingo, a partir das 19h.

Camila Viegas,
especial para o JT

VIDEOARTE O poeta concreto mostra "Poesia É Risco" no Sesc Pompéia e une palavra, som e imagem em performance

Campos apresenta versos multimídia

FERNANDO OLIVA
de Redação

"Verboconstruções." Augusto de Campos define assim sua performance "Poesia É Risco", que será apresentada no Videobrasil deste ano. Dito de outra forma, o poeta pretende unir imagem, som e palavra num espetáculo de poesia multimídia.

Segundo Campos, o termo "verboconstruções", criado pelo poeta James Joyce (1882-1941), define a invenção de palavras — e apresentar para o público — aquilo que a palavra tem de visual e sonoro.

Enquanto Augusto lê os poemas, seu filho Gê Campos toca baixo e guitarra computadorizada, além de apresentar samples pré-gravados em estúdio. O videomúsico Walter Silveira mostra uma sequência de vídeos e slides sincronizados com a performance dos poemas e da música.

Na programação desta 11ª edição do Videobrasil — de 12 a 17 de novembro, no Sesc Pompéia —, a performance acontece no dia 14, às 20h. Em entrevista à Folha, Augusto de Campos falou sobre sua participação no festival.

Folha - O que "Poesia É Risco" tem de novo?

Augusto de Campos - O espetáculo é bastante amplo na abordagem da linguagem poética. A novidade está no fato de se fazer uma espécie de diálogo da poesia com a música e com os sons e cores visuais. Que é sincronizado com as leituras e com as performances.

Folha - E por que o nome "Poesia É Risco"?

Campos - Porque dá uma ideia bastante expressiva do espírito da coisa, já que se trata de uma poética experimental, que lida com linguagens novas. Não estamos fazendo de um trabalho feito num

universo convencionalizado, já batizado. Por isso que a poesia é risco, especialmente nesse caso.

Folha - Você classifica a performance de "verboconstruções"?

Campos - É um termo que usamos desde os anos 20, nos manifestos da poesia concreta. A ideia é que você passe a organizar e estruturar os poemas dando uma ênfase muito grande à materialidade da palavra.

Em vez de a palavra funcionar como meio discursivo comum e natural, onde é morto, estocado, a tensão se concentra na exploração de

suas virtualidades.

Palavra do ponto de vista material mesmo, visual, gráfico. É a valorização dos fonemas, da materialidade sonora da palavra. Faremos uma apresentação verboconstruções, exatamente porque a poesia concreta, por lidar com a materialidade da palavra, desde suas sílabas e fonemas, cria uma nova relação, que não é apenas aquela reativa do passado. É uma abordagem diferente, que preferimos chamar de avaliação.

Folha - Você mistura leituras de poemas com elementos multimi-

dia. Como acontece essa integração do verbo e do novo em "Poesia É Risco"?

Campos - Não é propriamente o velho e o novo, já que essa dimensão oral da poesia sempre existiu, desde o tempo da poesia grega. No Brasil, não há muita tradição de leitura de poemas. O que estamos fazendo é uma abordagem nova, que provém, na origem, da própria proposta da poesia concreta, que desde o início se

propôs como uma poética que explorava a materialidade da palavra em todos os seus parâmetros.

Folha - O que o público deve esperar de "Poesia É Risco"?

Campos - A intenção é produzir um espaço poético diferenciado. Convidamos o espectador a entrar numa universidade de palavras, de sons, de luz, de imagem e criar uma espécie de provocação no sentido emocional. Levar as pessoas a sair de casa cotidianas.



Um festival de bons vídeos

'Videobrasil' vai ser exibido até domingo pela TV Educativa

Os cinéfilos que não podem acompanhar diretamente os muitos eventos do XI Festival Internacional Videobrasil aberto ontem no Sesc Pompéia, em São Paulo, comemorando três décadas de videofilme no país, vão poder conferir diariamente até domingo, sempre às 22h30, pela TV Educativa, a transmissão ao vivo do festival através do programa *Curta Brasil Especial*.

Videobrasil reúne produções da Argentina, Chile, Uruguai, Inglaterra, Japão, França, Itália, Holanda e Estados Unidos. São mais de sessenta vídeos de todas as tendências, experimentais e de animação, participando da mostra, entre eles 35 produzidos por autores brasileiros.

Durante o festival, a TV Educativa vai estar exibindo de seis a oito vídeos por noite. Os comentários serão feitos pelo crítico de cinema do JORNAL DO BRASIL, Fernando Albagli. Após as exibições, o público de casa vai poder participar elegendo o melhor vídeo nacional pelo telefone que a emissora vai deixar a disposição dos espectadores para a vo-



José Roberto Serra

Sandra Kogut filmará o making-off do festival de vídeos

tação. Entre os favoritos da mostra estão o vídeo *O menino, a favela e as tampas de panela*, do cineasta Cao Hamburger e *Quinze filhos*, de Maria Oliveira e Marta Nehring, que exhibe depoimentos de filhos de pais que foram vítimas da ditadura militar

depois de 1964. Fernando Albagli prefere não revelar seus vídeos preferidos para evitar que seu depoimento influencie o voto do espectador.

O vencedor do júri popular vai receber um prêmio de R\$ 4 mil da Fundação Roquete Pinto. O re-

sultado será divulgado junto com a premiação oficial durante a festa de encerramento marcada para domingo que também será transmitida ao vivo pela emissora a partir das 19h.

A cobertura do *Videobrasil* vai contar com a participação da repórter Paula Grinover que vai estar atenta a todas as performances, conferências, lançamentos de livros e CDs, exposições e ainda com o café eletrônico que terá seis terminais para acesso ao site do festival na Internet. Além de informar todas as novidades, Paula entrevistará *videomakers*, produtores e diretores que vão estar movimentando os bastidores. "O que estiver rolando lá no Sesc vai estar rolando aqui", garante um dos diretores do *Curta Brasil*, Luiz Carlos Lacerda.

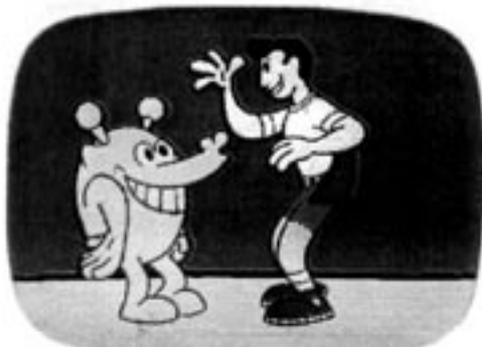
Há quase dois anos no ar, é a segunda vez que o programa cobre um festival. Em julho deste ano, o *Curta Brasil* exibiu os curtas-metragens e vídeos do Rio Cine Festival. A novidade desta cobertura fica por conta do videojornal que está sendo produzido por *videomakers* que foram convidados pelos organizadores - SESC de São Paulo e Associação Cultural Vídeo Brasil - para mostrar o *making-off* do festival. Entre eles Marcelo Tas, Sandra Kogut e Carlos Nader.

Sessão telinha

O Videobrasil reúne imagem, arte e diversão



O Menino, a Favela... criança em Paraisópolis



As Aventuras do Bocado: ET da Paulista em ação



Désir Noir: imagens poéticas e misteriosas

Lembra o tempo em que os aparelhos de videocassete tinham só duas cabeças e controle remoto preso por um fio? O Festival Videobrasil nasceu nessa época, em 1983. Era um programa cult, só para candidatos a videomakers ou fãs do gênero, cheio de imagens retorcidas e com chuveiros. Treze anos depois, o evento ganhou status de primeira grandeza dentro da agenda cultural paulistana. A 11ª edição do festival, desde 1990 em âmbito internacional, começa na quarta-feira 13, no Sesc Pompéia, e só termina no próximo dia 24. Reúne 69 vídeos, a maioria com menos de cinco minutos de duração, selecionados entre 353 produções nacionais e estrangeiras. A mostra competitiva é o centro do evento, mas, além dela, há muito para ver. São 2.400 metros quadrados recheados de instalações, palestras, performances e até um café eletrônico, para os visitantes conversarem com os autores dos vídeos via Internet. "Atingimos um ponto ideal", orgulha-se Solange Parkas, curadora e diretora do evento.

Há atrações para todos os gostos. O festival trará pela primeira vez vídeo-instalações do coreano Nam June Paik, o inventor do gênero nos anos 50. Entre elas estará *TV Garden*, o jardim pipocado de monitores que esteve na Bienal de Artes de São Paulo em 1975.



TV Garden, vídeoinstalação de Nam June Paik: mestre do gênero

Só agora, também, o Videobrasil contará com uma videoteca para o público assistir individualmente às fitas da mostra. "Ao contrário do que acontece em outros festivais do gênero, muita gente que não entende nada do assunto passa para dar uma olhada", diz Solange. No ano passado, ele foi visitado por mais de 15.000 pessoas. Foi tanta gente que, neste ano, a duração do evento passou de seis dias para duas semanas.

Um dos ingredientes que incrementarão a lotação será a instalação *Video Zoo*, criada por Cao Hamburger, o premiado diretor do programa infantil *Castelo Rá-Tim-Bum*, na TV Cultura, e

pelos artistas plásticos Vera Barros e Carlos Barmak. Os três debutam no ramo com um zoológico de 200 metros quadrados talhado para intrigar crianças. Formigas passeiam pelas telinhas e um monitor-tamanduá tenta sugá-las. Um rato sai da toca e tudo o que ele vê aparece em uma televisão, assim como o que entra no ângulo de visão da girafa e do elefante. "No meio da brincadeira, as crianças vão ver como as imagens mudam de acordo com o ponto de vista", explica Hamburger. Ele participa também da mostra competitiva, com o vídeo de cinco minutos *O Menino, a Favela e as Tampas de Panelas*. A historinha se passa na favela de Paraisópolis. Rui Amaral, um dos pioneiros na arte do grafite paulistano, leva outro pedaço da cidade para a telinha. Na animação *As Aventuras do Bocado* ele dá vida ao ET presente no grande mural de sua autoria, que enfeita o chamado "buraco da Paulista". São temas paulistanos em meio a muito hermetismo e imagens misteriosas, como as mostradas no vídeo *Désir Noir*, de Inês Cardoso, a videasta revelação do último Videobrasil. Ou mesmo telas com chiados e rabiscos coloridos. Arte é arte.



Solange, diretora do evento: público maior

MÍRIAM SCAVONE

Choinire dança com imagens virtuais

ANA FRANCISCA PONZIO
especial para a Folha

O 11º Videobrasil apresenta hoje, às 22 horas, no Centro de Convivência do Sesc Pompéia, zona oeste de São Paulo, o espetáculo "Le Partage des Peaux 2", da coreógrafa canadense Isabelle Choinire.

Associando tecnologia e dança, Choinire desenvolve um trabalho único, em que contrapõe com as imagens virtuais dela mesma.

"Na coreografia 'Le Partage des Peaux 2' eu danço com duas pessoas que não são reais. A Isabelle sintética é minha parceira em cena", diz Isabelle.

Dividido em três níveis, o espetáculo mostra Isabelle dançando no tempo presente. Numa segunda etapa, o vídeo remete ao passado, apresentando a dançarina em cenas gravadas anteriormente.

À medida em que movimenta o corpo, Isabelle controla efeitos so-

noros e luminosos desenvolvidos por meio de tecnologia digital.

Isabelle diz que a tecnologia não se sobrepõe à dança. "Uso recursos como vídeo e informática para ampliar o poder corporal e não anulá-lo. Procuro desenvolver uma escrita coreográfica em que o corpo e a técnica se juntam em níveis formais, orgânicos e filosóficos."

Workshop com Clyde Morgan

O bailarino norte-americano Clyde Morgan realiza um workshop sobre dança afro-brasileira de hoje até 19 de novembro, no Sesc Consolação (rua Dr. Vila Nova, 245, zona central de São Paulo, tel. 256-2322, r. 223 e 233).

Dia 20, às 20h, com entrada gratuita, ele realizará uma apresentação solo na Pinacoteca do Estado (av. Tiradentes, 141, zona central, tel. 011/227-6329).

Espectáculo: "Le Partage des Peaux 2"

Quando: hoje, às 22h

Onde: Centro de Convivência do Sesc Pompéia (rua Clelia, 93, Pompéia, tel. 011/871-7786)

Quanto: entrada franca



MULTIMÍDIA O japonês Keiichi Tanaka, que se define como um artista da luz ambiente, expõe trabalho no Videobrasil

Instalação quer recriar os raios cósmicos

June Paik é homenageado

de Redação

O Videobrasil é o maior programa da produção experimental em vídeo da América Latina. Em sua 11ª edição (12 a 17 de novembro, no Sesc Pompéia), terá, na mostra competitiva, 19 trabalhos.

Os trabalhos vêm da Argentina, Austrália, Eslovênia, Uruguai, Chile, Nova Zelândia, Arábia, Líbano, México e Brasil.

Fora da mostra competitiva, o Videobrasil presta uma homenagem ao canadense June Paik — considerado o pai da arte experimental em vídeo. Serão quatro grandes instalações e uma mostra retrospectiva sob curadoria de Lori Zipary, diretora do Electronic Arts Intermix, nos EUA.

Além de Paik, farão instalações Keiichi Tanaka, o francês Michel Joffe e os brasileiros Cao Hamburger e Inês Cardoso.

O Videobrasil possui um site na Internet, cujo endereço é <http://www.videobrasil.org.br>



O artista Keiichi Tanaka, convidado especial do próximo Videobrasil

FERNANDO OLIVA
da Redação

Lei as mensagens do universo na forma de raios cósmicos, retransmitindo-as para o público de suas instalações na forma de luz e som, atingir o subconsciente das pessoas. Keiichi Tanaka, artista convidado do 11º Videobrasil, dispõe de 90 m² do Sesc Pompéia para fazer funcionar sua panela eletrônica e, como ele quer, transcender os cinco sentidos básicos da percepção.

Se oído, visão, tato, paladar e audição são os não suficientes para elestrar — e entender — o mundo de Tanaka, só quem visitar "Cosmic Rays" poderá dizer. A instalação, parte da série "Luminous", usa equipamentos de alta tecnologia para reproduzir os raios cósmicos que formam os ventos solares do universo. Para tanto, a matéria-prima de Tanaka é o raio laser, usado em profundidade.

Funciona assim: um aparelho, chamado de contador "geiger", capta os raios cósmicos e emite sinais eletrônicos correspondentes. Estes, por sua vez, são lidos por um sistema computadorizado de amostragens e projetores que, por fim, transformam os sinais em efeitos sonoros e raios de luz laser. A visão da obra nunca é a mesma, pois depende do dia e da hora.



Essa edição do Videobrasil (12 a 17 de novembro) marca a segunda visita do artista japonês ao país. A primeira foi em 91, como participante da 11ª Bienal Internacional de São Paulo. À época, a instalação que Tanaka trouxe ao Brasil chamava-se "Aquarium With High Tech", também da série "Luminous". Desta vez, Tanaka aponta suas fichas no que chama de "fenômeno natural", e seus característicos estados de inconsciência.

Tanaka deve chegar a São Paulo na próxima semana. De Tóquio, via fax, falou à Folha sobre o vídeo, "Cosmic Rays" e luz.

Folha - Por que você batizou este trabalho de "Cosmic Rays"?

Keiichi Tanaka - Porque não se trata de uma sequência programada de raios de luz, mas raios cósmicos e radiação como fenômeno natural, em constante mutação.

Folha - Sobre o que fala a série de instalações "Luminous"?

Tanaka - Ela simboliza a luz como origem da vida.

Folha - Por que a luz é essencial no seu trabalho recente e, especialmente, em "Luminous"?

Tanaka - Eu acho que o desejo subconsciente pelo luz faz parte de nosso caráter moral. E, como luz é a origem da vida, acho que provoço mais impacto ao usar esse "desejo" em minha produção.

Folha - E o que significam os raios cósmicos em sua obra?

Tanaka - Eu trabalho com um fenômeno natural que leva ao al-

cance de nossos cinco sentidos. Quero estimular algo além desta dimensão, explorar a presença onde os raios cósmicos são a origem da vida primitiva.

Folha - Como seu trabalho se desenvolve desde "Aquarium With High Tech", de 1991, até "Cosmic Rays", de 1995?

Tanaka - Na primeira, a obra se recorria pela trunca. Agora, o fenômeno natural é a questão principal. Este trabalho é sempre transformado pelo fluxo do tempo. O tempo específico da instalação e do público é o que mais importa, já que a obra proporciona vivências diferentes, dependendo do aqui e agora.

Folha - Quando e por que você começou a fazer videoinstalações?

Tanaka - Há cerca de uma década, eu percebi a eficácia dos raios de luz na produção de novas formas de expressão no ambiente.

Folha - Você se define como um videorartista?

Tanaka - Não, como um artista da luz ambiente.

Folha - A Internet e a CD-ROM representam novos caminhos para os videorartistas?

Tanaka - As novas mídias, como Internet e CD-ROM, têm grandes possibilidades para ampliar a maneira de se fazer arte. E eu vejo meu futuro artístico ligado a estes métodos.

Folha - E o futuro da videoarte?

Tanaka - Mais que documentar, a videoarte será uma fonte de novas imagens.

11º Videobrasil começa hoje em SP



A mostra exibe 69 produções de 10 países e destaca a obra do pai do videocarte, Nam June Paik

BEATRIZ VELLOSO

Começa hoje, no Sesc Pompéia, o 11º Festival Internacional Videobrasil. Maior mostra da área de vídeo no País e uma das mais importantes do mundo, a edição deste ano do festival faz uma homenagem aos 30 anos do videocarte, dando destaque ao artista que é considerado o pai do gênero e nasceu, radicado em Nova York, Nam June Paik. O Videobrasil, que tem apoio do Estadão, acontece domingo em várias atividades que vão ocupar a área de conveniêncas, o auditório e o teatro do Sesc Pompéia (Rua Chile, 83, telefone 364-5144).



exagero falar em mundo. As instalações especificadas pela área de conveniêncas de Sesc vêm de Brasil (Cam Huan, burguer e Inês Cardoso), Esta dos Unidos (Nam June Paik), França (Michel Jaffrenou) e Japão (Kazuo Tanaka).

**INSTALAÇÕES
INTEGRAM
EVENTO NO
SESC POMPEIA**

— Esta reportagem obtém Os monitores de tevê estão presentes também nas performances programadas para esse Videobrasil, que misturam dança, literatura, música e pintura às telas.

Quando começaram em 1963, o vídeo ainda era uma alternativa para quem não conseguia fazer cinema, mas agora ele já se confundiu com um linguagem de trabalho", conta Solange Farkas, diretora do Videobrasil. Ela diz que o festival é uma ótima oportunidade para artistas brasileiros.

Nam June Paik é o diretor do mostra, Solange Farkas é responsável no país do videocarte, maior do festival de 'Dutchamp/Beija' (aberto).



São performances, instalações, CD-ROMs, uma sala com trinta e duas telas, e Internet, e, naturalmente, muitas vídeos. A mostra competitiva de 1996 tem 69 filmes, vídeos de 20 países diferentes, com gêneros que vão do vídeo-arte ao documentário, passando pela ficção e animação. Os vídeos são exibidos no teatro do Sesc Pompéia, em vídeos programados (um para cada dia, onde quem no domingo serão exibidos em videocartes). Há ainda os vídeos da mostra informativa, com produções internacionais que estão fora da competição.

Mundo — Fora do teatro, um mundo de atividades vai receber os filhos dos visitantes. O mais é

Jaffrenou despreza a tecnologia

Artista francês diz que seus vídeos são artesanais, mas não dispense o computador

A tecnologia é inútil. Em seu trabalho de artista francês Michel Jaffrenou e de sua participação no 11º Videobrasil, tal declaração parece absurda. Mas foi dita, escrupulosamente assim, por Jaffrenou. Ele participou do Videobrasil com uma única obra, um vídeo, de apenas dois vídeos. Pedro e o Lobo e outro que mostra o 'making of' do primeiro. E mais a instalação de Pierre de Floures e uma exposição com desenhos de seus trabalhos.



Delus celui combat pour le monde, mais pour ce monde. Pour ce monde, mais pour ce monde.

Cena do vídeo 'Pedro e o Lobo' (avista feita por computador)



Jaffrenou, provocando uma confusão com o realismo virtual

com o uso de ferro. No momento de clima, agreste a imagem de Jaffrenou delimita do seu tempo. A pena, tal em tempo real e passa por todos os telas. Jaffrenou pega vídeo não só para, mas sim, e não só para, mas sim, e não só para, mas sim.

A obra, também em Super 8, inclui vídeos participativos e também em reprodução em vídeo. Ela diz que o vídeo não é só para ser visto, mas para ser usado. Ela diz que o vídeo não é só para ser visto, mas para ser usado.

Assim, que, para Jaffrenou, a tecnologia pode tornar tudo real. Seus vídeos são projetos mais novos, filmes high-tech. Ele quer fazer uma imagem de vídeo, ligada ao vídeo a um computador de música e outros de letras. Algo como um espetáculo 'interativo'. Os vídeos também fazem um vídeo



'Luminosa', instalação de artista japonês Kazuo Tanaka



Artista Tanaka: produção

Tanaka constrói sinfonia colorida

Artista transforma suas câmeras em seqüências abstratas para um computador

CAMILA VEGAS Especial para o Estado

Captar um fenômeno natural que não se pode descrever através dos olhos, assim como a natureza é abstrata. É em São Paulo e a obra, para o festival. Mas Kazuo Tanaka constrói sua sinfonia colorida em seqüências abstratas para um computador. A partir de imagens abstratas, ele cria uma sinfonia colorida que apresenta hoje no 11º Videobrasil.

O artista, nascido em Suvaça no Japão, aderiu participando e também em reprodução em vídeo. Ela diz que o vídeo não é só para ser visto, mas para ser usado.

— Como se diz em inglês? Tanaka — A tecnologia de seqüências abstratas que o computador pode fazer coisas que não poderiam ser feitas por humanos. Ele diz que o vídeo não é só para ser visto, mas para ser usado.

— Há um ano convivi com o computador. Não me sinto tão certo para, porque queria algo que tivesse mais Agito e beleza da natureza. A maioria dos meus trabalhos são abstratos e isso que os computadores criam é sempre de pessoas. Então, não, não quero mais vídeos abstratos para não ser visto, mas para ser usado.

VEJA A PROGRAMAÇÃO DO 11º VIDEOBRASIL	
ABRIL	SEXTA
09:00 — Programa 1 de teatro experimental	22:00 — Teia e Roca, performance
10:00 — Vídeo Open Eye Park, performance	22:00 — Investigação de Perceção Visual, teatro interativo
JANUÁRIA	SEXTA
18:00 — Performance/Objeto, CIRCUM	17:00 — De 5 a 10, performance Nam June Paik
18:00 — Obras de N.J. nam June Paik	19:00 — Programa 4 de teatro experimental
19:00 — De 5 a 10, performance Nam June Paik, teatro abstrato	22:00 — Teia, performance
20:00 — Programa 3 de teatro experimental	SEMANA
21:00 — Programa 2 de teatro experimental	09:00 — TV e Arte — Narrativas de Produção, performance
OUTUBRO	13:00 — Approach/Objeto, teatro abstrato
18:00 — Espaço 98, teatro abstrato	17:00 — Deixa e Não, 12-15 pm
19:00 — Exploração de Perceção, teatro interativo	19:00 — Programa 3 de teatro experimental
SETE	22:00 — São João, teatro interativo
17:00 — Estrategia, Nam June Paik, teatro abstrato	22:00 — Projeto de Mariana, performance
OUTUBRO	DOMINGO
18:00 — Espaço 98, teatro abstrato	11:00 — Danças/Contrastes, teatro abstrato
19:00 — Exploração de Perceção, teatro interativo	19:00 — Sinfonia de memórias de teatro experimental, teatro de teatro
SETE	
17:00 — Estrategia, Nam June Paik, teatro abstrato	
SETE	
17:00 — Teia, Nam June Paik, teatro abstrato	
18:00 — Espaço 98, teatro abstrato	
19:00 — Exploração de Perceção, teatro interativo	
SETE	
17:00 — Estrategia, Nam June Paik, teatro abstrato	

Os filmes produzidos de forma competitiva serão exibidos, de quarta a domingo, no Centro Cultural São Paulo (Rua Vergueiro, 1.200, e 377-3111, de 20h). São Paulo: Rua Chile, 83, e 373-7722

Festival consagra videoarte

FERNANDO OLIVA da Redação

O Videobrasil está com seus dias contados, pois, no futuro, a arte de vídeo não será mais usada para classificar as obras de festival. É o que se debruça das propostas de Michel Jaffrenou, artista francês que hoje é nômade, na abertura do evento, mostra situações típicas da que se continua a chamar arte experimental em vídeo ou videoarte.

Além de Jaffrenou, a 11ª edição do festival traz a São Paulo cerca de 90 artistas que mostram seus trabalhos em instalações, performances, CD-ROM e fotografia, sempre envolvendo imagens eletrônicas. Os demais membros do evento firmam que a profusão da videoarte francesa, caso contrário, não vai se concretizar num futuro tão breve. Já a mostra competitiva deste Videobrasil apresenta 69 obras de dez países, entre Austrália, México, França, Nova Zelândia, Argélia, Itália e Brasil.

O autor das videoinstalações, no espaço de convivência do Sesc, reúne o japonês Kōichi Tanaka, o coreano Nam June Paik, o francês Michel Jaffrenou e os brasileiros Inês Candoso, Cao Hamburger, Vera Rastos e Carlos Barak.

Jaffrenou, num intervalo da montagem de sua instalação, falou à Folha sobre a importância do Videobrasil, Internet e, claro, o futuro da videoarte.

Folha - Você tem idéia de como será a videoarte do futuro?

Jaffrenou - Penso que ela não se chamará mais videoarte, porque a manipulação da imagem eletrônica está a caminho de invadir novos espaços. Videoarte é um termo quase acadêmico. No momento estou trabalhando num filme para cinema e numa ópera que será montada somente na Inter-

net. Tudo ainda está por ser explorado, e eu acho isso fascinante!

Folha - Atualmente, você se define como um videoartista?

Jaffrenou - Ah, já esperava esta pergunta. Não, realmente não. A videoarte nasceu numa época em que o próprio vídeo dava seus primeiros passos. Era um mundo muito abstrato, porque todas as opções precisavam ser exploradas. A arte da dita videoarte acontece em teatros, museus e galerias. Hoje, a tecnologia já evoluiu tanto que podemos transmitir nossas imagens onde quisermos no mundo. Você é, ao mesmo tempo, produtor e difusor.

De repente, nos percebemos atirando em um novo espaço, abstrato na Internet, onde já é possível inserir trabalhos artísticos. O objeto artístico desaparece, tornamos-se virtual.

Folha - Qual o papel do Videobrasil para esse tipo de produção?

Jaffrenou - É uma maneira de mostrar ao público novos tipos de imagens, já que a única referência, na maioria das vezes, é a televisão. É a chance de mostrar que a imagem pode ser outra coisa.

O que será exposto aqui não é fascinação pela tecnologia, mas seu engenho por artistas que, como artistas que são, podem abrir pontos de vista, transformar o que foi apresentado, "mostrar um pouco a clareza de lugar".

A tecnologia deve ser usada pelos artistas em benefício da arte. Há sempre uma relação entre técnica e artista, mas quando o artista domina a técnica, faz "expressão" e não "demonstração". A importância do festival é revelar a evolução dos artistas em relação à técnica.

Folha - Você quer dizer que os artistas estão à frente da técnica?

Jaffrenou - Obrigatoriamente estamos à frente da técnica. Quando eu conheci o vídeo "Pedro e o Lobo", não havia equipamentos para fazer o que eu queria. Eu fui inventar coisas que não existem. É a imaginação do artista que faz avançar a tecnologia.



Cena de "Pedro e o Lobo", vídeo do artista francês Michel Jaffrenou, que também mostra a videoinstalação "Plain de Fleuves" no Videobrasil.

Jaffrenou mostra obra

da Redação

O francês Michel Jaffrenou, que trabalha com vídeo desde 1978, apresenta duas criações nesta 11ª edição do Videobrasil.

"Pedro e o Lobo" é um vídeo baseado no coléte costume musical criado em 1936 por Sergi Prokofiev (1891-1953) e reúne desenhos animados e atores reais numa floresta virtual criada em computador. A produção começou em 1994, trabalhou com 39 mil imagens e levou cerca de dois anos para ser concluída.

Além de "Pedro e o Lobo" (28 minutos), Jaffrenou traz a São Paulo a videoinstalação "Plain de Fleuves", que usa quatro monitores de TV para mostrar a suave queda de uma paisagem de tela a tela.



Michel Jaffrenou, artista francês, trabalha no "Videobrasil" do vídeo "Pedro e o Lobo", que está no Videobrasil.



Steino Vesilka, artista finlandês que apresenta a videoperformance "Video Opera for Paik", na abertura do Videobrasil, em homenagem ao artista coreano Nam June Paik.

Público pode usar Internet

da Redação

Além da programação normal (deixando espaço), a 11ª Videobrasil oferece uma novidade ao público: um café eletrônico.

Logo na entrada do pavilhão das videoinstalações, fica um café com seis computadores ligados à Internet, onde cada pessoa poderá "navegar" por meia hora.

As lado do café eletrônico, acontece a exposição "Photo in Progress", do fotógrafo Renato Cary. É uma espécie de "making of" instantâneo de tudo que está acontecendo no festival. Cary trabalha com uma câmera digital para que, cerca de 30 minutos depois de feita, a foto já esteja pronta em um dos seis painéis da entrada e no site do Videobrasil (<http://www.videobrasil.org.br>).

Os 69 vídeos dos dez países que participam de mostra competitiva estão disponíveis para o público no videobus do festival.



Nam Paik, precursor da videoarte, é homenageado na 11ª Videobrasil.

Programação do 11º Videobrasil vai até domingo

- 19h - Abertura Especial "Photo in Progress", Café Eletrônico
- 19h30 - Mostra competitiva (Programa 1)
- 20h - Performance "Video Opera for Paik", de Steino Vesilka e Stephan Vesilka, Videobrasil
- 21h30 (segunda)
- 21h - Apresentação do CD-ROM "Pléiades/Pléiades", por Nam June Paik, diretor do World Video Video Center
- 21h30 - Mostra informativa "De 1978 - Mostra Informativa 'De 1978 - Mostra Informativa Nam June Paik, 'Cologny'"
- 21h30 - Cópia de lançamento "Chasse du Sud"
- 21h30 - Videojogos, Mostra competitiva (Programa 2)
- 22h - Performance "Le Passage Des Passés", de Hubert Quénec'h
- 21h30 (segunda)
- 21h - Apresentação "Legend 99", por Nam June Paik
- 21h30 - Mostra informativa "Trabalhos de Jaffrenou"

- 21h30 - Mostra Informativa "De 1978 - Mostra Informativa Nam June Paik, 'Cologny'"
- 19h - Lançamento de "O Potencial Dialógico na Seleção", de Aitor Malvar
- 19h30 - Videojogos, Mostra competitiva (Programa 1)
- 22h - Performance "Thema II Blue", com Augusto de Campos, Gil Campen e Walter Silvetti
- 19h30 (segunda)
- 11h - Conferência e música "Música 1978-1996", de Aitor Malvar

- 19h30 - Mostra Informativa "De 1978 - Mostra Informativa Nam June Paik, 'Cologny'"
- 19h - Apresentação do CD-ROM "European Media Arts Festival", por Hermann Nitsch (Eisenstadt)
- 19h30 - Mostra Informativa "Investigations of the Phenomenon World - Space, Sound and Light", de Nam June Paik (EUA)
- 19h30 - Mostra Informativa "De 1978 - Mostra Informativa Nam June Paik, 'Cologny'"
- 19h30 - Videojogos, Mostra competitiva (Programa 2)
- 19h30 - Conferência e música "Música 1978-1996", de Aitor Malvar

- 19h30 - Mostra Informativa "De 1978 - Mostra Informativa Nam June Paik, 'Cologny'"
- 19h30 - Mostra Informativa "Investigations of the Phenomenon World - Space, Sound and Light", de Nam June Paik (EUA)
- 19h30 - Mostra Informativa "De 1978 - Mostra Informativa Nam June Paik, 'Cologny'"
- 19h30 - Videojogos, Mostra competitiva (Programa 2)
- 19h30 - Conferência e música "Música 1978-1996", de Aitor Malvar

- 19h30 - Mostra Informativa "De 1978 - Mostra Informativa Nam June Paik, 'Cologny'"
- 19h30 - Mostra Informativa "Investigations of the Phenomenon World - Space, Sound and Light", de Nam June Paik (EUA)
- 19h30 - Mostra Informativa "De 1978 - Mostra Informativa Nam June Paik, 'Cologny'"
- 19h30 - Videojogos, Mostra competitiva (Programa 2)
- 19h30 - Conferência e música "Música 1978-1996", de Aitor Malvar

- 19h30 - Mostra Informativa "De 1978 - Mostra Informativa Nam June Paik, 'Cologny'"
- 19h30 - Mostra Informativa "Investigations of the Phenomenon World - Space, Sound and Light", de Nam June Paik (EUA)
- 19h30 - Mostra Informativa "De 1978 - Mostra Informativa Nam June Paik, 'Cologny'"
- 19h30 - Videojogos, Mostra competitiva (Programa 2)
- 19h30 - Conferência e música "Música 1978-1996", de Aitor Malvar

- 19h30 - Mostra Informativa "De 1978 - Mostra Informativa Nam June Paik, 'Cologny'"
- 19h30 - Mostra Informativa "Investigations of the Phenomenon World - Space, Sound and Light", de Nam June Paik (EUA)
- 19h30 - Mostra Informativa "De 1978 - Mostra Informativa Nam June Paik, 'Cologny'"
- 19h30 - Videojogos, Mostra competitiva (Programa 2)
- 19h30 - Conferência e música "Música 1978-1996", de Aitor Malvar

Festival homenageia 30 anos de videoarte

A 11ª EDIÇÃO DO VIDEOBRASIL, QUE COMEÇA AMANHÃ NO SESC-POMPEIA TRAZ, ALÉM DA MOSTRA COMPETITIVA DE VÍDEOS, PERFORMANCES EM BAIXO, POESIA E MÚSICA

Começa amanhã, às 19h, no Sesc Pompeia, o 11º Festival Internacional Videobrasil, competição e mostra de produções experimentais em meio eletrônico seguindo à risca a contemporaneidade dos trabalhos. O festival pretende ser mais do que uma exposição ao público dos 69 trabalhos que concorrerem a prêmios. Haverá também videoinstalações, performances, videopoemas, além de livros com a Internet e a TV Educativa. Esta edição homenageia ainda os 30 anos do videovisor por meio do artista coreano Nam June Paik (1933-1996), pioneiro de trabalhos artísticos em meio eletrônico.

Realizado pelo Sesc com apoio de O Estado de S. Paulo, o Videobrasil é uma espécie de Brasil da produção experimental eletrônica — mantidas as características próprias. Ele pretende reunir o que há de melhor na produção nacional e internacional em meios como VHS, CD-ROM e Super-8. Para isso, os curadores, Solange Parkes, para os dois anos que separam as edições de seus videovisores pelo mundo, escolhendo trabalhos. A curadora que se vê montada ao lado de colaboração do Sesc corresponde ao objetivo do projeto: "Não fazemos diferença e nenhuma exposição do Exterior", diz Solange.



Cena da videoinstalação 'Touro e o Leão', do francês Michel Jefferme

TRIBUTO A NAM JUNE PAIK

Pioneiro artista coreano, vitimado por derrame há 4 meses, será homenageado com mostra de suas instalações

Se a intenção do 11º Videobrasil era homenagear os 30 anos do videovisor, nada mais acertado do que prestar tributo ao coreano Nam June Paik, artista pioneiro nas experimentações com meios eletrônicos.

Há cerca de 4 meses, June Paik, de 64 anos, sofreu um derrame cerebral, o que causou o comprometimento de parte de suas funções motoras. "Mas isso não impediu que ele selecionasse pessoalmente as obras que virão a São Paulo", diz a norte-americana Lori Zippay, curadora da mostra do artista no Videobrasil, batizada de *Waking for the 22nd Century* ("Esperando pelo Século 22º").

Pela primeira vez, o público brasileiro poderá ver quanto das instalações mais conhecidas de June Paik: *TV Ball*, *TV Moon*, *TV Fall* e *TV Garden*. O artista sempre que em dias das festividades eletrônicas brasileiras, "em *TV Ball* a imagem de Bola será substituída por outra de futebol brasileiro (com Preto Velho)", conta Zippay. "E em *TV Garden* serão usadas plantas brasileiras." Dois assuntos da arte já estão em São Paulo provisoriamente, que chega hoje a São Paulo.



Videoinstalação 'TV Garden', de June Paik adaptada para o Brasil

Além das instalações, haverá uma retrospectiva de vídeos realizados entre 73 e 95 por June Paik, dividida em três programas: *Colagem*, *Homenagem* e *Demonstração*. E Zippay vai apresentar ainda a conferência *The Beauty of Motion & The City*, com os vídeos mais antigos do artista, de 63 a 72. "A mostra vai dar um panorama completo da obra de June Paik", garante a curadora.

... à criação artística sem repressão.

Segundo Zippay, apesar do derrame, June Paik voltou a criar e está trabalhando com novas tecnologias, como o CD-ROM e a Internet, para a qual criou um site sobre o grupo artístico Fluxus, criado nos anos 60 por ele, Joseph Beuys e Yoko Ono, entre outros.

Zippay conta que a intenção pelo trabalho de June Paik e pela videovisão em geral tem precedentes nos Estados Unidos. "Há não muito mais precisamente contra esta manifestação artística. A videovisão já era usada nas galerias raras aos museus. June Paik acaba de instalar no Guggenheim um enorme videowall", conta a curadora.

Ele pretende apresentar a visita a São Paulo para conferir como anda a produção de videovisores no Brasil. "Conto com a obra de Fátor Samois, que representa nos Estados Unidos e tem um trabalho excepcional", diz a curadora. "Estou muito ansiosa para chegar ao porque consiste a videovisão brasileira muito vibrante", acrescenta Zippay.

Ricardo Coll

...postação gráfica levava um realizador a um estágio na produção através da Maxima, especializada nessa tecnologia.

A limitação dos participantes, certamente, restringe a mostra competitiva. "Os europeus e norte-americanos vêm cumprir um papel determinante", explica Solange. A sua curadora a função de apresentar outras performances, além de abordar uma questão para a qual a curadora parece estar constantemente alerta: o mercado. "A que no Brasil há muito pouco mercado para a videovisão, os estrangeiros evoluíram do intercâmbio entre os artistas nacionais e o mercado internacional. "A Inês Cardoso, por exemplo, foi resultado do festival e aqui fez seu primeiro contato para expor no Exterior".

O Videobrasil organiza também uma conferência que pode levar a videovisão à tv; um encontro com representantes de canais por assinatura.

Jedry Peres Jr.



DESTAQUES BRASILEIROS NA MOSTRA

Com videoinstalações

Os dois vídeos propostos em TVs embutidas no painel talvez sintetizem o tema de *Design*, videoinstalação de Inês Cardoso. Um deles mostra "banhos" da relação entre mãe e filha; o outro é uma narrativa simbólica em que uma mulher quebra frutos em que estão entrançados fios de um casal. "São imagens que expressam a dualidade humana: a harmonia e o rompimento", diz Inês.

Além da abordagem as relações humanas, serão reproduzidos sons de uma conversa íntima, entrecortada por uma frase, repetida em vários idiomas: "Não sei sabemos como expressar nossos sentimentos." Isso virará dentro de uma rede de arcos, separando um momento com imagens de sua narrativa. Com *Design*, uma videovisão criada no último Videobrasil pretende discutir ainda outra questão: "a ansiedade humana em relação a tecnologia".

Quem se assustar a dar uma volta pelas videoinstalações do festival poderá ser surpreendido. São amplos ambientes, em que as projeções de vídeo acabam se tornando apenas um dos elementos. A Fátor Zee, de Cas Hamburguer está repleta de "sonsais e cinematográficos". Cada um dos homens, mundo de câmeras, mostram em reprodução — criação em reprodução — uma parte da vida, literária. Para isso, uma grande, um mapa e pequenos cartões distribuídos pelos 200 metros quadrados da instalação.

Veja a programação do festival

ANUNCIOS	DIAS 14	DIAS 15	DIAS 16
<p>19h - Apresentação de CD-ROM <i>Design & Video</i>, de Inês Cardoso (1995) (curadora Inês Cardoso)</p> <p>20h - Apresentação de CD-ROM <i>Design & Video</i>, de Inês Cardoso (1995) (curadora Inês Cardoso)</p> <p>21h - Apresentação de CD-ROM <i>Design & Video</i>, de Inês Cardoso (1995) (curadora Inês Cardoso)</p>	<p>19h - Apresentação de CD-ROM <i>Design & Video</i>, de Inês Cardoso (1995) (curadora Inês Cardoso)</p> <p>20h - Apresentação de CD-ROM <i>Design & Video</i>, de Inês Cardoso (1995) (curadora Inês Cardoso)</p> <p>21h - Apresentação de CD-ROM <i>Design & Video</i>, de Inês Cardoso (1995) (curadora Inês Cardoso)</p>	<p>19h - Apresentação de CD-ROM <i>Design & Video</i>, de Inês Cardoso (1995) (curadora Inês Cardoso)</p> <p>20h - Apresentação de CD-ROM <i>Design & Video</i>, de Inês Cardoso (1995) (curadora Inês Cardoso)</p> <p>21h - Apresentação de CD-ROM <i>Design & Video</i>, de Inês Cardoso (1995) (curadora Inês Cardoso)</p>	<p>19h - Apresentação de CD-ROM <i>Design & Video</i>, de Inês Cardoso (1995) (curadora Inês Cardoso)</p> <p>20h - Apresentação de CD-ROM <i>Design & Video</i>, de Inês Cardoso (1995) (curadora Inês Cardoso)</p> <p>21h - Apresentação de CD-ROM <i>Design & Video</i>, de Inês Cardoso (1995) (curadora Inês Cardoso)</p>

ORGANIZAÇÃO: Sesc Pompeia. Rua Costa Rica, 100. Tel. 770-0000. Fax: 770-0001. Horário: 19h30 às 22h30. Entrada gratuita para todos os públicos.

MULTIMÍDIA "Cosmic Rays", instalação presente no 11º Videobrasil, marca segunda visita do artista japonês ao país

Tanaka busca 'mensagens do universo'

FERNANDO OLIVA
de Redação

Let as mensagens do universo na forma de raios cósmicos, infravermelhos para o público de suas instalações na forma de luz e som, atinge e subconscientemente as pessoas. Keiichi Tanaka, artista convidado do 11º Videobrasil, dispõe de 90 m² do Sesc Pompéia para fazer funcionar sua plataforma eletrônica e, como ele quer, transmitir ao cinco sentidos básicos da percepção.



de São Paulo.

A época, a instalação que Tanaka trouxe ao Brasil chamou-se "Aquarium With High Tech", também da série "Luminous". Desta vez, Tanaka aposta suas fichas no que chama de "fenômeno natural" e seus característicos estudos de consistência.

Keiichi Tanaka deve chegar a São Paulo no próximo dia 8 de novembro. De Tóquio, via faz, falou à Folha sobre videarte, "Cosmic Rays" e luz.



Tanaka, convidado do Videobrasil

Folha - Por que você batizou esse trabalho de "Cosmic Rays"?

Keiichi Tanaka - Porque não se trata de uma sequência programada de raios de luz, mas raios cósmicos e radiação como fenômeno natural, em constante mutação.

Folha - Sobre o que fala a série de instalações "Luminous"?

Tanaka - Ela simboliza a luz como origem da vida.

Folha - Por que a luz é essencial no seu trabalho recente e, especialmente, em "Luminous"?

Tanaka - Eu acho que o desejo subconsciente pela luz faz parte de nosso caráter racial. E, como luz é a origem da vida, acho que

provoca mais impacto se uso esse "desejo" em minha produção.

Folha - E o que significam os raios cósmicos em sua obra?

Tanaka - Eu trabalho com um fenômeno natural que foge ao alcance de nossos cinco sentidos. Quero estimular algo além desta dimensão, explorar a paisagem onde os raios cósmicos são a origem da vida primitiva.

Folha - Como seu trabalho se desenvolveu desde "Aquarium With High Tech", de 1991, até "Cosmic Rays", de 1995?

Tanaka - Na primeira, a obra se encontrava numa galeria. Agora, o fenômeno natural é a questão principal. Esse trabalho é sempre transformado pelo físico do tempo. O tempo específico da instalação e do público é o que mais importa, já que a obra proporciona vivências diferentes, dependendo do aqui e agora.

Folha - Quando e por que começou a fazer videoinstalações?

Tanaka - Há cerca de uma década, eu percebi a existência dos raios de luz na produção de novas formas de expressão no ambiente.

Folha - Você se define como um videartista?

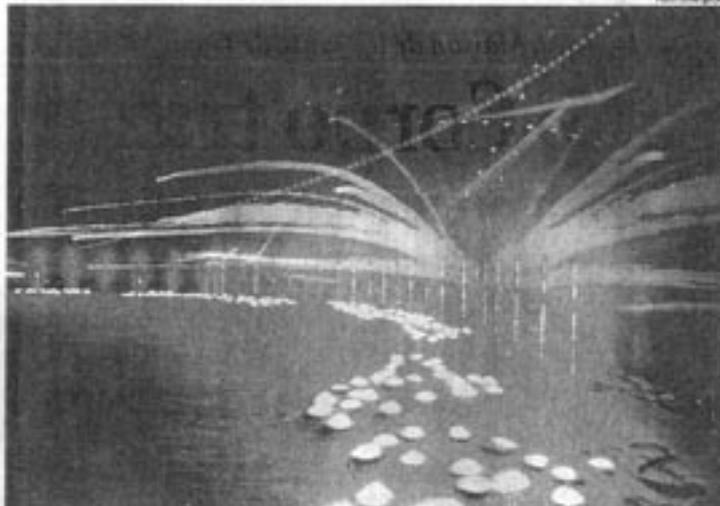
Tanaka - Não, como um artista da luz ambiente.

Folha - A Internet e o CD-ROM representam novos caminhos para os videartistas?

Tanaka - As novas mídias, como Internet e CD-ROM, têm grandes possibilidades para ampliar a maneira de fazer arte. E eu vejo meu futuro artístico ligado a estes métodos.

Folha - E o futuro da videarte?

Tanaka - Mais que documentar, a videarte será uma fonte de novas imagens.



Videoinstalação "Cosmic Rays", do artista japonês Keiichi Tanaka, convidado especial do Videobrasil

Festival comemora 30 anos de videoarte

de Redação

O Videobrasil é o maior encontro da produção experimental em vídeo da América Latina. Em sua 11ª edição (12 a 17 de novembro, no Sesc Pompéia), a mostra competitiva do festival escolheu 99 trabalhos entre 353 inscritos.

Os vídeos vêm da Argentina, Austrália, Eslovênia, Uruguai, Chile, Nova Zelândia, Itália, Líbano, México e Brasil. Os três me-

iores vídeos de toda a competição serão premiados com valores que vão de R\$ 2.000 a R\$ 4.000.

Um júri misto de cinco especialistas vai escolher trabalhos nas categorias "videoarte", "animação", "documentário", "ficção" e "experimental".

Porém da mostra competitiva, o Videobrasil está comemorando 30 anos de videoarte com uma homenagem ao coreano Nam June Paik — considerado o pai da arte

experimental em vídeo. O festival programou quatro grandes instalações de Paik, ocupando cerca de 800 m² do Sesc Pompéia.

Além de Nam Paik, apresentam videoinstalações o francês Michel Joffrenou, o japonês Keiichi Tanaka e os brasileiros Cao Hamburger e Inês Cardoso.

O Videobrasil possui um site na Internet. No endereço <http://www.videobrasil.org.br> estão os 13 anos de história do festival.

VIDEOBRASIL "Bardo" será apresentado pela primeira vez em SP

Artista baiano mostra leitura de Artaud em videoperformance

FERNANDO OLIVA
da Redação

O 11º Video-brasil — de 12 a 17 de novembro no Sesc Pompéia —, não reúne somente criações dos grandes nomes da videoarte internacional. "Bardo", obra do artista plástico baiano Marcondes Dourado, vai dividir as atenções do público com os consagrados Nam June Paik (Estados Unidos), Keiichi Tanaka (Japão) e Michel Jaffrenou (França).

Dourado, com 22 anos, foi descoberto pela produção do festival em Salvador e é considerado, senão uma revelação, pelo menos uma das promessas desta edição do evento.

Sem nunca ter tomado contato com qualquer tipo de experimentalismo em vídeo, ganhou uma câmera VHS do pai há cerca de dois anos e começou a produzir, já sem nenhum compromisso com narrativas ou imagens convencionais.

"Bardo", sua videoperformance mais recente, marca a estréia de Marcondes em São Paulo e mistura as linguagens da dança, vídeo e teatro. O espetáculo é baseado nos textos "Os Sentimentos Atrasam", "Loucura e Magia Negra" e "O Teatro e a Ciência", todos do dramaturgo francês Antonin Artaud (1896-1948).

Em "Bardo", a dançarina Sandra Del Carmen, também da Bahia, movimenta-se por meia hora à frente de um telão, sobre bacias de metal cheias de água e cabelo.

Nesta entrevista à Folha, Dourado-opina sobre videoarte, experimentação e "Bardo".

Folha - De que fala "Bardo"?

Marcondes Dourado - Solidão e experiências com eletrochoque. Artaud viveu por mais de vinte anos em clínicas psiquiátricas e descreveu como o seu corpo reagia às sessões terapêuticas. Ele faz uma crítica à sociedade que o colocou nesta situação e como estes trata-



Video Brasil



Cena de "Bardo", videoperformance do artista plástico Marcondes Dourado

mentos aniquilam seu pensamento e potencial de criação e contestação. É por isso que a dançarina fica completamente nua, raspada, desprotegida, com bacias de metal, elementos frios e duros, para contrastar a fragilidade do corpo e do ser humano diante de um ambiente hostil e inóspito.

Folha - Como o público tem reagido ao espetáculo?

Dourado - A dançarina que se banha em contato com a água, metal e cabelo cria uma sensação de estranhamento, como que a tentativa de recuperar um fragmento perdido do corpo. O que causa um certo constrangimento no público, certa rejeição dos sentidos.

Folha - Como você chegou à videoarte?

Dourado - Não foi pensado, uma câmera caiu na minha mão, comecei a experimentar e os resultados foram saindo. Eu queria experimentar o vídeo sendo mostrado num espaço fechado, no qual as pessoas fossem totalmente conta-

minadas pela força do vídeo.

Folha - Como assim?

Dourado - A idéia é tirar o espectador de casa e fazer ele chegar até o meu trabalho. Assim como Artaud, que trabalhava muito com elementos sensoriais. Seria superficial demais falar de Artaud de maneira fria, intelectual e racional. Eu precisava de elementos que afetassem as pessoas pelo físico. Mostrar sua força apenas como um vídeo seria um desperdício.

Folha - Você nasceu e cresceu em Salvador. Seu trabalho é mais universal ou regional?

É mais universal. Vivo numa cidade muito rica de elementos estéticos e musicais e as pessoas compõem tipos muito interessantes. Eu sugo a energia própria de Salvador, mas com discussões universais. Não tem nada de folclórico, nem desta balanidade festiva que estamos acostumados a ver. Vivemos condenados a ser baianos, o que prejudica muito a possibilidade de experimentar coisas novas.